



DOROTHY DALTON

Paratodo...
Anno IV n.º 181



São muitos os elementos c...
ras, mas, em rigor da verdade, n...
uma acção efficaz e de positivos r...

Entre estes ultimos, convém cita...
prios; o insuperavel

PO' DE ARROZ MENDEL

porque é cousa comprovada que, com o seu...
uma cutis fina, delicada e suave, isenta de...
chas, onde a esthetica triumphha facilmente, tanto pelo suggestivo real...
linha, como pelo embelezamento subtil com que avalora os traços.

Importante: O Pó de Arroz Mendel possui uma notavel qualidade adheren...
acção do ar.

Vende-se nas côres, branca, rosa, para as claras de pouca côr, "Chai" (ca)...
louras e "Rachel" (crème) para as morenas.

Vende-se em todas as perfumarias.

Agencia do Pó de Arroz Mendel: Rua 7 de Setembro n. 107, 1º andar. Tel. C. 2741

RIO DE JANEIRO

Deposito em São Paulo: Rua Barão de Itapetininga n. 50

MENDEL & C.

FORTE E SADIO



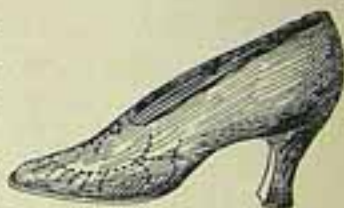
OCTAVIO JOSÉ PIMENTA
Poté — E. de Minas.

Poté (Minas), 8 de Setembro de 1921. — Srs. Viu...
va Silveira & Filho. — Rio de Janeiro. Amigos e Srs.
Com o intuito de levar ao vosso conhecimento mais
uma cura obtida com o vosso milagroso preparado
"ELIXIR DE NOGUEIRA", dirijo a VV. SS. esta car...
ta. — Soffrendo a um anno de um terrivel canero
duro, tomei diversos preparados para obter a minha
cura, porém todos sem o menor resultado. — Lembrei-me
então de usar o vosso "ELIXIR", o que fiz, com...
prando alguns vidros, na Casa Commercial do Sr. Al...
fredo Salomão Almeida, e em tão feliz hora tive este
pensamento que com o uso de 23 vidros, apenas, fi...
quei completamente curado. Envio-lhe esta carta acom...
panhada de meu retrato para serem publicados, como
prova de minha gratidão e para aquelles que lerem
esta, vejam que de uma pessoa doente, o "ELIXIR
DE NOGUEIRA", do Pharm. e Chim. João da Silva
Silveira, fez um homem forte e sadio. Agradeço sub...
escrovo-me com estima e consideração. De VV. SS.
Amo., Att. e Obr. — Octavio José Pimenta. (Empre...
gado no commercio, firma reconhecida).

A Bota Fluminense

O Maior Deposito de Calçados

35\$000, sapato
em superior se...
tim preto, borda...
do a missanga,
igual ao modelo
ao lado, ou com



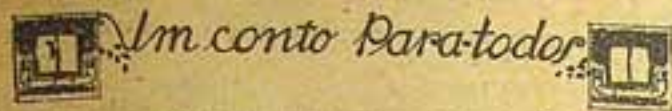
uma tirinha no peito do pé, salto Luiz
XV, 40\$000; o mesmo sapato em setim
branco, igual ao modelo acima, salto Luiz
XV, de n. 32 a 40, 28\$000; o mesmo fei...
tio em pellica preta envernizada ou buf...
falo branco.

Pelo correio mais 2\$500 por par.

Pedidos a Alberto Antonio de Araujo

RUA MARECHAL FLORIANO, 109
(Canto da Avenida Passos, 123) Rio

Sapatos brancos e pretos Luiz XV
a saldar desde 10\$000



O CAMPEÃO

J. H. ROSNY AINE

AOS vinte e cinco annos, Hareton Careful não sabia como fazer fortuna. Era um rapazão robusto e bem feito, praticando convenientemente o "football" e o tennis. Se bem que intelligente, não possuía o genio do negocio, e perdia o seu tempo na casa Farewell, Kemp & C., a maior firma de café, cacão e chá do oeste. Agradando-lhe o aspecto do rapaz, delle fizera Kemp seu secretario. Terminado o trabalho, elle esfregava as mãos e fitava Hareton:

— E então? Que conta você fazer? Quando tinha a sua idade, eu valia já trinta mil dollars... tendo começado com dez cents. Careful expunha idéas vagas.

— Não, exclamava Kemp... Isso não daria nada... você não tem geito... Enquanto foi assim indolente, inutil arriscar as suas economias... perdel-as-lá.

Careful sentia que Kemp tinha razão, e desesperava-se porque, se não possuía vocação para negocios, tinha, em compensação, um amor muito vivo á fortuna.

Por cumulo da desgraça, enamorou-se de miss Evelyn, filha de Kemp. A culpa cabia ao importador, que levava Hareton á sua casa e deixava-o muitas vezes só com as mulheres. (Mrs. Kemp, as tres missas Kemp e duas tias).

Por lealdade e candura, Hareton julgou-se na obrigação de confessar o seu amor a Kemp, o qual explodiu numa risada tão sonora como o zurrar de um burro:

— Isto não é commigo! Todos os rapazes estão apaixonados por Evelyn... E' a mais bella moça do Oeste... a rainha dos olhos azues, das faces rosadas e dos cabellos louros. Ella porém sabe defender-se. Minha filha não accellará nunca um homem que valha menos de duzentos mil dollars.

E era a mais santa das verdades. Evelyn mostrava uma certa predilecção por Hareton; mas, antes que deixasse essa predilecção transformar-se em amor, seria preciso que o rapaz fizesse as suas provas, isto é, fizesse dinheiro.

Elle sabia isso, achava isso muito justo e buscava desesperadamente uma oportunidade para empregar as suas economias. Nesse tempo, os *yankers* não estavam ainda no regimen secco. Quero dizer que, na maior parte dos Estados estrelados havia bars, tabernas, restaurantes, onde um homem amigo do alcool encontrava os champagnes, os heandies, os whiskies, os cacktails e outras delicias que lisonjeam o paladar e engendram uma agradável excitação.

Kemp costumava frequentar esses bars e despejar algumas taças. Frequentemente levava Hareton consigo, o qual, sem ser alcoolico, não desprezava um honesto copo.

Amador de sports, o grande importador frequentava, sobretudo, as tabernas onde se encontravam os treinadores, os lads, os jockeys, os footballers, os boxeurs. Estes ultimos, sobretudo, interessavam-n'o. Conhecia a fundo a historia dos campeões e assistia a todos os combates secretos ou publicos.

Tinha apenas um defeito: não supportava os homens de cor. Os successos de Jack Johnson, de Joe Jeannette e de outros negros ou mulatos enchiam-n'o de pesar...

Uma noite levou elle o secretario á taberna do Alligator, onde os sportmen se reuniam para saborear as bebidas deliciosas, aos sons melodosos das *jazz-bands*... A grande sala estava cheia de homens e de fumo. Dois jockeys celebres, varios "rugby-men" de grande envergadura, um campeão de "catch as catch-can", alguns "boxeurs" de hontem e de amanhã muitos treinadores e muitos amadores. Os profissionais eram sobrios, em geral. Desalteravam-se os outros por elles...

Até as onze horas, tudo foi bem. Kemp havia manifestado a sua preferéncia pelo champagne e pelo "mick-me-lappy", bebida infernal, que elle supportava maravilhosamente. Quanto a Careful, consumia com prazer, mas com moderação.

Foi, então, que Joe Flakey, o campeão dos pesos meio-pesados, penetrou na sala seguido do seu treinador Blueblack e do seu amigo Jim Blood.

Não obstante a alegria que derramavam nelle os copos ingeridos, Kemp tornou-se sombrio. Elle execrava Joe Flakey, um mulato que tivera a má sorte de pôr "knock out" um dos favoritos do importador, o rude Hammer, até então invencível.

— Danmação!—grunhiu elle. Porque deixou entrar aqui esses negros?

Joe Flakey estava a menos de uma jarda de Kemp. Tinha bom ouvido. Voltou-se e perguntou, peremptorio:

— Isto é commigo?

Esse Flakey tinha um genio irascivel e, mais intemperante,

SEIOS

Desenvolvidos--Fortificados
Aformoseados



Com

A PASTA RUSSA

do Doutor G. RICABAL

O unico **PRODUCTO** que em menos de dois mezes assegura o desenvolvimento e a firmeza dos **SEIOS**, sem causar damno algum á saude da Mulher.

VIDE O PROSPECTO QUE ACOMPANHA CADA CAIXA

A' venda em todas as Pharmacias, Drogarias e Perfumarias do Brasil

DEPOSITO — R. General Camara, 223 — Rio de Janeiro

Aviso—Remette-se, registrado pelo Correio, para qualquer parte do Brasil, mediante a quantia de 12\$000, enviada em carta com "Valor Declarado", ao Agente Geral—J. de Carvalho—Caixa Postal n. 1724 —Rio de Janeiro.

Para todos...

te que os seus pares, tornava-se rixoso depois de alguns copos de genebra ou de whisky...

Kemp sentiu que tivera a lingua imprudente; mas deixar-se-ia picar a machado, antes de se inclinar deante de um homem de cor!

— Eu digo o que quero! — respondeu em tom frio.

— Se é uma desculpa, accetto a desculpa! — redarguiu o campeão...

— Eu não peço desculpas! — replicou Kemp, tanto mais que vinte olhos o fitavam e vinte ouvidos escutavam. Uma onza de sangue purpureou os labios seccos de Joe Flakey.

— Então, tome este presente! — rugiu elle.

E, afastando um bebedor que o incommodava, o seu punho partiu como um raio. Mas não chegou o socco ao seu destino. Kemp havia recuado e Hareton, levado por um instincto impetuoso, acabava de lançar o seu punho sob o queixo do boxeur. Aconteceu esse facto imprevisito: o campeão cahiu como um filoco e permaneceu desaccordado. Machinalmente, um arbitro improvisado contou:

— Um... dois... tres... quatro... cinco... seis... nove... dez!...

O facto é que Joe Flakey permaneceu desaccordado mais de quinze minutos, e, quando pôde levantar-se, cambaleava deploravelmente...

Os bebedores, todos brancos, applaudiam Careful com frenesi e o arbitro declarou:::

— Eis o verdadeiro campeão dos pesos meio-pesados!

Por uma cumplicidade tacita, ninguem quiz tomar em conta o acaso e o encontro violento do craneo de Flakey com um soco-lho de carvalho...

— Hurrah! hurrah! — bradava Kemp. Eis um homem para vós!

No auto que os conduzia, pouco depois, elle disse:

— Agora você vale duzentos... trezentos mil dollars. Eu vou organizar os contratos... você só tem que apparecer no tablado... Evelyn não o desprezará mais...

Elle fez como dizia. Careful appareceu no tablado. Tendo aperfeiçoado a sua sciencia de "boxeur", tornou-se figura importante no mundo sportivo. E quando voltou, radiante de gloria e armado de trezentos e cincoenta mil dollars, a predilecção de Evelyn transformou-se naturalmente em amor...

Em latas e
garrafas

A' venda
em toda
a parte.



AZEITE SOL LEVANTE

AZEITE SOL LEVANTE... é a mi
marca do mundo!

A maior descoberta para a SYPHILIS

O "ELIXIR 914"



Combate a syphilis efficaizmente, sem o perigo das injeccões. E' depurativo energico e tonico de alto valor. No terceiro vidro as manifestações, mesmo as mais graves, taes como: manchas, fistulas, placas, eczemas e rheumatismo, desapparecem como por um milagre. 95 por cento dos homens casados que, em solteiros, tiveram doenças secretas, ficaram com ellas chronicas; eis a razão por que milhares de senhoras soffrem sem saber a que attribuir a causa. 3 vidros são sufficientes para restituir a saude e salvar vossos filhos. Para as creanças syphiliticas é o unico especifico proprio que existe, porque não ataca o estomago e é tonico agradável de tomar.

A' venda em todas as pharmacias e drogarias do Brasil

Depositarior Geraes: GALVAO & C.
LADEIRA SANTA EPHIGENIA N. 9 —
S. PAULO.



Questionário



Toda a correspondência para esta secção deve ser dirigida ao OPERADOR — 164, Ouvidor — Rio de Janeiro.

Devido á formidável affluencia de cartas para esta secção, muitas aguardam a resposta por semanas e meses até; pedimos por isso excusas aos nossos leitores, e ao mesmo tempo lhes solicitamos a attenção para a lista de endereços de artistas que mensalmente publicamos; isso evitar-lhes-á muita vez o trabalho de escreverem pedindo informações que nella se encontram e a nós um trabalho excessivo de compulsação de catalogos para os satisfazerem. Mais: abreviará o prazo das respostas.

No caso de pedido de informes sobre films devem vir sempre que possível os títulos. Essa nossa exigência é motivada pelo facto de muitas vezes os films aqui exhibidos com um título passarem com outro nos Estados Unidos.

MOLLY BARRY (Itararé) — Não pôde ser. Nosso catalogo é feito com os títulos originaes.

PETRONIUS GUIMARAES (Lapa) — Não temos esse retrato. Demais é figura bem insignificante, não acha?

KAISER (Niteroi) — Não vale á pena satisfazer o seu desejo. Pôde escrever-lhes até em sanscrito que nada obtem. Só os artistas americanos, e assim mesmo nem todos dão importancia a esse processo de reclame. Tem contracto e já fez uma porção de films. Quaes? Isso é difficil de responder de prompto.

FANFARRÃO (Itararé) — Tenha o amigo paciencia então e leia o que respondemos a Molly Barry.

ATHOS LUZ (Santa Maria) — Universal City, California.

BEBE DANIELS (Rio) — 1º, 1476 Broadway, N. Y. C. 2º, Isso é fita da patricia. Naturalmente ella suppoz que estava falando para beocios (e em parte não se enganou, porque lhe publicaram a potoca) Greta Hartmann já tem apparecido em outros films. Entre os passados no Rio, podemos citar-lhe *Os miseraveis*, com William Farnum, em que fez o papel de Fantine. Com o nome de Sonia Markowa figurou em varios. Trabalhou para a Famous Players, Fox, Argus, Pioneer, Dietrich Kenyon Co., etc. Parece-nos que no film *Lar sem filhos* ou *Casa sem creanças*, não faz muito tempo exhibido no Central. Já vê que foi uma tentativa de bluff, que só teve exito com os ignorantes em materia de cinema. 3º, Em *The Dark Lantern* (A procella) Katherine Derham, Alice Brady; *Dr. Gault Placent*, James L. Crane; *Principe da Argovina*, Reginald Denny; *Coronel Derham*, Brandon Hurst; *Lady Peterborough*, Marie Burke; *Princesa Margaretta*, Rosal Russell, etc., etc. 4º, Effectivamente a producção é da Tiffany. A Metro só contribui com a exploração e distribuição.

PIRULITO (Rio) — Cada retrato 25 centimos (1/4 de dollar). Sellos nossos, não; *coupons réponse*, que encontrará á venda no correio geral.

RELAMPAGO (Rio) — Dirija-se aos directores das empresas. Mas olhe que será baldado, esse pedido. Elles lá têm gente de sobra.

OSWALDO CLAUDIO (Porto Alegre) — As condições? *verifica* por pagina.

MONTE MURRAY (Petrópolis) — 1476 Broadway, N. Y. C., ella; elle, 485 Fifth Ave., N. Y. C.

AMAZILIS NEIVA (Rio) — 1º, 5956 Hollywood Boulevard, Los Angeles, California. 2º, Hotel Ansonia, New York City. 3º, 1816 Argyle Street, Hollywood, California. 4º, Mayflower Photoplay, 1465 Broadway, N. Y. C. 5º, 485 Fifth Ave., N. Y. C.

HELIO OLIVEIRA (Rio) — E não quer mais nada? Então imagina que estamos aqui ás suas ordens? Ora meu caro tire o cavallo da chuva. E se quizer alguma coisa, perguntas, só cinco de cada vez e a resposta por aqui. Que temos com as suas pressas?

HOMEM DA MEIA NOITE (Recife) — 1º, Ainda, e hoje tem companhia propria. 2º, E. 3º, Não. 4º, Fôra, ha muito, do cinema. 5º, 25 annos, pois nasceu em 1897. O marido da segunda é Harlan Tucker.

CAROLINA BIONDI (S. Paulo) — Só respondemos por



aqui, sem excepções. Queira enviar os sellos á Administração, que receberá o numero pedido.

ZAZA (Belém-Pará) — Os films italianos desapareceram quasi do mercado e ninguém lhes sentiu a falta. Raros,

aliás, os que appareceram dignos de menção. Isso se deve á pressa e abundancia de producção do trust cinematographico (U. C. I.) que acabou por desmoralisar até mesmo artistas consagrados. Não ha de quê.

ESTRELLA D'OESTE (Campo Grande) — E' Jackie Coogan. O film já passou aqui com exito extraordinario. Já nos externamos a respeito. First National.

BELLEZINHA (Avaré) — Tem 18 annos, apenas.

SABIDA PAULISTANA (Baurú) — São duas de facto, Mae e Margueritte. A primeira com a Robertson Cole, a ultima com a Fox.

Eva Novak.

BELDROEGAS (Capivary) — Fez quatro mais para essa empresa, entre elles *O garoto*. O ultimo foi *Pay day*. O unico em 6 partes foi *O Garoto*. Agora, trabalhando para os United Artists, só fará films de certo porte, de 3 a 6 partes.

SAM DE GRASSE (Paulo Paulo) — Já fez dois para essa empresa e tem contracto para outros dois. Pôde ser, e disseram-nos, que isso era certo, que venham todos ao Brasil. 2º, Charles Ray está com os United Artists, assim como a Nazimova. 3º, A Dalton, com a Realart. 4º, E' americano sim, e por signal um rapagão. A difficuldade da caracterisação foi um dos motivos do seu successo.

PERCIVAL (Guaratinguetá) — Com a Paramount. *Negocios de Anatolio*, em julho proximo.

MARIQUINHAS DO O' (Santos) — Nada lhe podemos adiantar sobre o assumpto, mas parece que não passa de boato.

VIZINHA (Rio) — E' Edna Purviance. **LOLOTA** (Rio) — Pôde ser que venham, não temos porém a certeza.

ALVARO LADEIRA (Rio) — 1476, Broadway, N. Y. C.

HELIOTROPE III (Sol de Minas) — 1º, O nosso concurso já lhe respondeu. 2º, Universal. 3º, Não faz outros, que para outros não dá. 4º, Isso e conforme o gosto



© - filmes da semana



Os cinemas da Avenida não tiveram, esta semana, o movimento dos últimos tempos. O publico andou retrahido. Embora em alguns cartazes se annunciassem "estrellas" consagradas, nem por isso foi mais animadora a frequencia. Os "filmes" de Dustin Farnum, Wallace Reid e Mary Pickford, principalmente estes, que foram os melhores da semana, não despertaram a seus admiradores a curiosidade que era justo esperar. Mesmo no Odeon, onde ultimamente vão passando magnificas produções e que havia preparado com alguma "reclame" o "film" *O mercado da beleza*, por Katherine Mac Donald, não se pode dizer que teve maior publico. E, no Odeon, mais do que a interprete, ainda é preciso dizer que era a produção da First National Circuit, marca definitiva-mente imposta com todas as glorias, por Charles Chaplin, depois do *O garoto*. Assim, não se explica porque o publico esteve arredio... Mas, andou bem avisado. Andou bem avisado porque de todos os "filmes", talvez só o de Mary Pickford, os *United Artists*, no Central, foi um bom "film"... Os outros são mais ou menos os de sempre, pelos mesmos interpretes, salvo o de Katherine Mac Donald, cujo movimento não pareceu interessar, causando em grande parte o desagrado do "film".

OPERADOR N. 3.

COTAÇÃO DOS FILMS — SEMANA DE 22 a 28 DE MAIO DE 1922

MARCA	CINEMA	TITULO DO FILM	PRINCIPAES INTERPRETES	DATA	CLAS.
First National	Odeon	O mercado da beleza (The Beauty Market)	Katherine Mac Donald e Roy Stewart.	1919	... 6 ...
Paramount.	Avenida	Excesso de velocidade (Too Much Speed)	Wallace Reid, Theodor Roberts e Agnes Ayres	1921	... 6 ...
"	"	Mentiras que matam (Dangerous Lies)	David Powell.	1921	... 5 ...
Goldwyn	Central	O pastorinho (The Little Shepherd of Kingdom Come)	Jack Pickford, J. Parck e Clara Horton	1920	... 5 ...
United Artists	"	Menina travessa (Pollyanna)	Mary Pickford	1920	... 8 ...
Associated Producers.	Parisiense	Deante do cadafalso (Mother O'Mine)	Betty Blythe, Joseph Kilgour e Lloyd Hughes		... 6 ...
Fox	Pathé	A victoria do talento (Winning With Wits)	Barbara Bedford e William Scott	1922	... 4 ...
"	"	Espirito diabolico (The Devil Within)	Dustin Farnum.	1921	... 5 ...
Pathé N. Y.	"	A somnambula (High and Dizzy)	Harold Lloyd	1920	... 6 ...
(*)	Palais	Corações em luta (*)	Carola Toelle		... 4 ...
(*)	"	Força impulsiva (*)	Fern Andra		... 5 ...

(*) Não consta do programma.

de cada um, 5". *Record* de quê? De quantidade? De qualidade? Explique melhor o que deseja.

SABETUDO DA ROÇA (Conceição do Araguaia) — Se sabe tudo porque pergunta? Está com a Universal, trabalhando em series.

DEMOSTHENES (Itajubá) — Deixou a Paramount; seus films são feitos para a Tiffany e distribuidos pela Metro. Clara Kimball já deixou a Equity. Continua sim. Com a Robertson Cole e tem figurado em films da Hayakawa.

SANTAREM (Barbacena) — Com a Pathé N. Y., onde fará series novamente, que é a unica coisa para que ella dá. Seus films dramaticos resultaram formidaveis insucessos.

BEBE LIMA E ROSA (Rio) — 485 Fifth Ave., N. Y. C.

ALAYDA (Therezina) — E' da Paramount. Passará muito breve por aqui. Lá? Como podemos saber? Gratos.

Frank Rembusch publicou um estudo comparativo entre os lucros e despesas do cinema nesses dez anos, provando que em 1922 o interessado nessa industria teve menos ganhos do que ha dez annos passados.

Os calculos foram feitos para uma cidade com 10.000 almas e um capital de 15.000 dollars:

Media de receita — Em 1912, 364 dol-

lars. Em 1922, 506 dollars. Augmento de 45 %.

Despesas de locação — Em 1912, 50

A MÃO SINISTRA



é a luta de uma alma perversa, encerrada n'um corpo formoso, contra a valentia e altruísmo de um *detective*. Esses dois titânicos lutadores chamam-se: *Alma de Hyena* e *Jean Lérand, o lord*.

A sair brevemente.

dollars. Em 1922, 225 dollars. Augmento de 350 %.

Despesas gerais — Em 1912, 44,25 dol-

lars. Em 1922, 77 dollars. Augmento de 82 %.

Despesas de exploração (Musica, luz, empregados, etc.) — Em 1912, 85 dollars. Em 1922, 136 dollars. Augmento de 60 %.

Annuncios — Em 1912, 12 dollars. Em 1922, 52 dollars. Augmento de 300 %.

Programmas — Em 1912, (2 e 3 rolos). Em 1922, (6 a 7 rolos). Augmento de 150 a 200 %.

Lucros semanais — Em 1912, 170 dollars. Em 1922, 12 dollars. Diminuição de 1.300 %.

Entradas pagas — Menos 200 %.

Marguerite Marsh, irmã de Mae Marsh, está trabalhando actualmente para a Fox Film, devendo figurar nos films de Dustin Farnum.

Pauline Frederick voltou ao theatro, tendo assignado um contracto a longo prazo com A. H. Woods, devendo apparecer em Londres brevemente.

A Hepworth Picture Plays, de Londres, augmentou o seu capital para 250 mil libras sterlingas (8 mil contos). Sei dividendo foi de 20 %.

Sisters é um novo film da Cosmopolitan Production, em que figuram Seena Owen, Matt Moore e Gladys Leslie; a direcção é de Albert Capellani.

AS FUTURAS ESTREAS

(ATRAVEZ DA CRITICA AMERICANA)

As seis melhores produções do mez:

Penrod *Turn to the Right*
One glorious day *The Seventh Day*
The Prodigal Judge *The ruling Passion*

ONE GLORIOUS DAY, da Paramount, com Will Rogers, Lila Lee e Alan Hale, dirigido por James Cruze. Pôde ser classificado como produção especial. É um mixto de humorismo, satyra e espiritalismo, com uma pontinha de sentimentalismo. Nunca Will Rogers trabalhou tão bem como nesse film. Lila Lee empresta o encanto de sua belleza trigueira ao trabalho; John Fox é um artista... Vão ver esse film. Está muito acima da produção commum.

THE PRODIGAL JUDGE, da Vitagraph, com Macklyn Arbuckle. Este artista tem em toda a sua vida de palco e tela interpretado muito bons papeis. Nunca porém como este. É simplesmente magnifico. Exquisito film da Vitagraph.

PENROD, da Associated Producers (Marshall Neilan), com Wesley Barry, Marjorie Daw, Johnny Harron e Baby Peggy.

Marshall Neilan merece um premio por esse film infantil, que será classico em breve. Tomando uma das historias de Book Tarkington, adaptou-a á tela, confiou a Wesley Barry o papel principal, fazendo-o acompanhar de outros artistas magnificos e produziu uma obra prima.

TURN TO THE RIGHT, da Metro, direcção de Rex Ingram, com Alice Terry, Jack Mulhall e Edward Connelly.

A adaptação á tela da peça theatral é de June Mathis. A peça theatral foi um successo. O film o terá dobrado, com certeza.

THE SEVENTH DAY, do First National, com Richard Barthelmess, Louise Huff, direcção de Henry King.

Esse film põe frente á frente um grupo de *vivants* elegantes e cynicos de New York e os habitantes de uma cidadezinha perdida no meio da costa, isto é, o meio ultra-civilizado de uma grande metropole e a ingenuidade provinciana.

Excellentemente como interpretação e como tecnica.

THE RULING PASSION, da United Artists, com George Arliss e Doris Kenyon.

Excellentemente film, com magnifica interpretação, que pôde ser visto por toda familia. E não é este o seu menor elogio.

THE WALL FLOWER, da Goldwyn, com Colleen Moore e Richard Dix. Film familiar. O enredo é de Rupert Hughes, muito bom, a direcção boa, Richard Dix, bom. Colleen Moore é que está absolutamente deslocada no papel. Cotação media.

A STAGE ROMANCE, da Fox, com William Farnum.

Bom divertimento para a familia inteira e o melhor trabalho de Farnum nestes ultimos mezes. É a adaptação cinematographica da velha e conhecida peça de Alexandre Dumas: pae, sobre a vida do tragico inglez Kean. Os papeis femininos muito bons: Peggy Shaw e Myrtle Bouffant.

WITH STANLEY IN AFRICA, da Universal, com George Walsh.

Serie, mas serie de novo genero. Boas scenas na selva, aventuras com logica e um fundo historico authenticico. George Walsh é um joven cientista que marcha com Stanley, em busca de Livingstone; Louise Lorraine é uma reporter. Film para todos os publicos.

BACK - PAY, da Cosmopolitan-Paramount, com Matt Moore e Seena Owen. Quasi um grande film. Seena Owen trabalha com sinceridade e convicção. Matt Moore tem uma ou duas boas scenas. Excelente diversão para adultos.

HER HUSBAND'S TRADEMARK, da Paramount, com Gloria Swanson e Stuart Holmes. O enredo, apesar de altamente improvavel, é altamente absorvente. Gloria Swanson, magnifica como sempre. Stuart Holmes, muito bom.

THE GRIM COMEDIAN, da Goldwyn, com Jack Holt.

Dois termos da Sorte e Broadway, que nem sempre costumam andar juntos. Historia intensamente dramatica. Não serve para creanças nem para adultos que pensem como creanças. Jack Holt monopoliza todas as honras da interpretação.

THE BRIDE'S PLAY, da Paramount-Cosmopolitan, com Marion Davies e Wyndham Standing, direcção de Joseph Urban. Film baseado em uma velha historia irlandeza, que nos mostra uma noiva adormecida por um genio no dia de suas bodas. Joseph Urban conseguiu realizar algumas scenas de maravilhosa belleza.

LOVE'S REDEMPTION, do First National, com Norma Talmadge no principal papel. Essa artista, tão cheia de qualidades, tem um fraco pelos papeis incongruentes — talvez pelo seu gosto pelo que não é vulgar. Raramente porém terá ella errado tanto como ao escolher essa produção. Algumas scenas boas, e é tudo quanto se aproveita no film.

THE MAN FROM LOST RIVER, da Goldwyn, com House Peters.

É um outro desses dramas pungentes, intensos da vida rural. É o mesmo filho do leste franzino, o bruto semi-civilizado de costume, a mesma rapariga do costume. House Peters esforça-se para satisfazer o supposto desejo do publico pelos homens primitivos.

MORAN OF THE LADY LETTY, da Paramount, com Dorothy Dalton e Rudolph Valentino.

Raramente apparecem produções que tanto entretinham o espectador como esta. Não sabemos se devido aos interpretes, se ao original poder de atracção da novella de Frank Norris, o certo é que este film é uma magnifica diversão. Rudolph, como sempre; Dorothy, de cabellos anellados.

SATURDAY NIGHT, da Paramount, com Leatrice Joy, Edith Roberts e Conrad Nagel, direcção de Cecil B. de Mille.

Este director está visivelmente tendendo para as extravagancias nestes ultimos tempos. E de todas é essa a maior que temos visto. Duas tragedias matrimoniaes no meio de scenarios deslumbrantes. Os artistas, por mais esforços que façam, perdem-se nessa atrapalhação luxuosa, creada para effeitos de *feerie*.

NANCY FROM NOWHERE, da Paramount, com Bebe Daniels. A belleza e

o encanto de Bebe Daniels perdem-se inteiramente nesse enredo impossivel.

MAN TO MAN, da Universal, com Harry Carey.

Um bom film — o enredo é logico, incidentes muito bons, excellente photographia. Film familiar.

SMILES ARE TRUMP, da Fox, com Maurice Flynn.

Esse ex-estrello de football, nessa historia de estradas de ferro, cheia de incidentes infantis, deve divertir á guryada com esse illogico film.

NO DEFENSE, da Vitagraph, com William Duncan, é um melodrama artificialmente composto.

JULIUS CAESAR, film italiano, muito espectacular, com A. Novelli no principal papel, muito bom. O resto dos artistas, porém, mediocre.

DON'T GET PERSONAL, da Universal, com Marie Prevost (*). A artista provocante como sempre (com o auxilio de alliterações artisticas), mostra-nos de como é capaz de se preocupar com os negocios familiares e acaba se casando com o filho unico do dono da casa. Não pôde susceptibilisar as creanças.

LITTLE MISS SMILES, da Fox, com Shirley Mason, Gaston Glass e Arthur Rankin, é uma historia judaica. Shirley, mais mellosa do que habitualmente. Infantil (**).

STRENGTH OF THE PINES, da Fox, com William Russell e Irene Rich. Melodrama das montanhas. Não escandalisará as creanças.

THE SINFLOOD, da Goldwyn, com Helene Chadwick, Richard Dix, James Kirkwood, etc.

Um film estupendo, com argumento magnifico, uma interpretação impecavel e uma direcção notavel (Frank Lloyd). Este trabalho representa um notavel progresso na produção, pois estuda caracteres, o que, aliás, não é de admirar, sendo o argumento como é de um autor sueco, Henning Berger. É uma obra prima.

LAW AND THE WOMAN, da Paramount, com Betty Compson, direcção de Penrhyn Stanlaws.

O enredo é inverosimil, mas o film é muito bom. Direcção notavel pelo seu refinamento artistico. Interpretação accetavel de Betty Compson. Cleo Ridgely, entretanto, é quem tem as honras de interpretação, em vez da estrella. Programma commum.

LOVES OF PHARAOH, da Efa, film allemão, com Emil Jannings, Dagny Servaes, Harry Liedtke, Paul Wegener, Lyda Salmonnova, Werner Krauss, direcção de E. Lubitsch. É uma obra prima, o que de melhor nos tem mandado a Europa nestes ultimos tempos. Nenhum defeito lhe pôde ser apontado. Tudo nelle é impecavel. A interpretação é maravilhosa.

TRACKED TO EARTH, da Universal, com Frank Mayo. Não vale á pena falar para falar mal.

(*) Já foi passado entre nós, no Palais, com o titulo *Cupido incognito*.

(**) Já passou entre nós com o titulo *Senhorita Sorriso*.

Graphia

WILFREDO GOMES (Livramento) — São bons os seus característicos. Denunciam uma natureza algo idealista, emquanto o ideal não prejudica o interesse. Este, sim, é ambicioso e capaz de mover céos e terra, mas sob uma apparencia mansa e amavel — o que redundará em mais probabilidades de victoria. E' expansivo e affectuoso, sem perder a perspicacia que tanto o distingue e na qual se inclue a especialidade rara de penetrar na consciencia de quem trate consigo. E' generoso de coração mas só quanto á virtude caritativa. Em amor é um egoista formidavel.

MISS EDNA (Guaratinguetá) — Espirito um tanto agitado e contraditorio, com alguns surtos de voluntariedade. Predomina a comprehensão positiva da vida. Seus modos são delicados, embora insinceros e este defeito se estende a seus actos. Já alludimos á vontade; mas ainda se pôde dizer que ella se tende a firmar com a idade, afim de corresponder á accentuada feição interesseira. Quando se obstina em alguma coisa não a leva a cabo sem mostrar alguma cohera — o que assignala impaciencia.

T. K. FAN (São Paulo) — A sua letra revela uma individualidade commum. Apenas ha de notavel a grandeza d'alma com que soffre as contrariedades, reagindo bem contra seus effeitos. De resto predomina o senso pratico em seu espirito equilibrado.

MARIA (Santos) — O que nos impressiona é o seu espirito vaidoso, indifferente a sentimentalismos e quasi sempre em opposição ao meio em que vive. Isso por um exaggerado amor proprio, que lhe dá a impressão de ser melhor que os outros... Não tem bastante consciencia des-se seu modo de ver. E' uma questão de fastio pouco susceptivel de ser modificado. Muito ciumenta e quasi sempre sem razão, é tambem egoista em materia de interesses materiaes. Não chega, porém á avareza, pois é frequente na sua escripta o característico esmolter. Tem essa bella qualidade para com os humilhes.

DIDI (Porto Novo) — O traço da vontade domina a sua escripta. E' sobretudo ambiciosa, mas conta com o imprevisto, por não ter a pertinacia que seria para desejar. Sabe dissimular suas contrariedade através de um amor proprio que ás vezes a torna impenetravel. O seu espirito é frio, comquanto, ás vezes, de muita expansibilidade cordial e algum idealismo.

MACACO (S. Paulo) — Quem é somente passaro não tem direito a vãos graphologicos. Assigne devidamente o pedido.

WRIGHT (Victoria) — Transparece da sua graphia o homem meticoloso, cheio de amor á sua profissão e gostando muito de que o elogiem por isso e por outras qualidades. Tem, pois, a presumpção necessaria para ser considerado um individuo vaidoso. Mas, de facto, o seu espirito é recto, sincero e exigente, chegando a encolerisar-se quando lhe não agradam palavras e actos daquelles com quem lida. Parece ter a paixão commercial. Pelo menos, é notavel a feição pratica do seu espirito e a perfeita ligação de idéas. Mas ha uma grande distincção nas suas manhas, o que faz crer num homem de negocios muito adeantado. Não se deve sentir bem entre os que representam a rotina ferrenha. A sua vontade parece tolerante. Transige, de facto; mas ha casos em que ella se manifesta intransigente e de uma força brusca irreprimivel. De resto, possui muito bom gosto, isto é, tem o senso esthetico das cousas e não é bondoso de coração, pelo menos no que respeita á virtude caritativa.

IGNACIA (Rio) — Só se lhe pôde dizer que a sua mentalidade parece gravemente perturbada por grande excitação nervosa. Depois de longo tratamento calmante e tonificante escreva outra carta.

ISABEL MARIA (São Paulo) — São mais as virtudes que os defeitos. Entre aquellas sobressae a firmeza de espirito revestida de muita simplicidade e até de bom humor. Debaixo de apparencia tão lhana e accessivel ninguem calcula uma força espirital capaz dos maiores actos. Ha muita volupia nos seus instinctos materiaes, mas tambem poucos percebem a existencia dessa tendencia irresistivel — o que prova a sua discreção. Esta vae a ponto de esconder, naturalmente, os dotes de uma viva imaginação. Ninguem a supõe uma fantasista enragé, e dessas que se apaixonam pelas suas creações. Entretanto, é bem claro na sua graphia o indicio dessa qualidade. E o viver mais do idealismo que das realidades dá-lhe uma certa apparencia de frieza que realmente não tem. Sua vontade é tolerante, mas de grande tenacidade, quando se fixa num ponto que tem de ser attingido ou resolvido. E' um tanto desconfiada e não tem muita bondade cordial.

ADELINA (Rio) — Espirito muito complicado, cheio de torturas e desillusões, e, por isso, extremamente implicant e irritado. Ainda assim, distingue-o bastante um fundo de bondade e de educação, de sorte a serem relevadas grande parte das

impertinencias. Sua vontade é pertinaz, de virtuos vãos, dentro dos horizontes domesticos.

RENE' H. (S. Paulo) — Natureza muito subordinada aos instinctos sensuaes e á feição positiva da vida. Não obstante, é capaz de idealisar um pouco, entregando-se a alguns sonhos cor de rosa sobre o seu futuro ou dos seus. E' expansivo, e, neste ponto, o seu espirito revela excellentes qualidades. Possui uma vontade forte, cheia de firmeza e, ás vezes teimosa. Não é orgulhoso, mas não desdenha os elogios faceis á sua pessoa. Usa de alguma dissimulação principalmente em negocios e tem prazer em praticar a caridade.

PORTUGUEZ (Pinheiro) — De duas uma: ou ainda está muito atrasado nos conhecimentos do ensino primario ou a sua natureza é um modelo de hesitação. Suppondo que se trate desta ultima hypothese, assignalamos uma incrível fraqueza espirital, que até parece fructo passageiro de algum mal grave. Realmente, não se explica de outra forma o violento contraste que se nota entre a audacia e a timidez, ambas de notaveis proporções. E esse desequilibrio estende-se á vontade, que ao mesmo tempo se mostra fraquissima e poderosa. Daqui a uns tres ou quatro mezes desejariamos tornar a ver a sua graphia.

JOÃO DA EGA (Rio Claro) — E' um individuo fundamentalmente bom, intelligente, de espirito vibrante, mas cheio de caprichos, pois, muitas vezes, não se sente satisfeito nem consigo mesmo... Tem uma grande força de vontade: tenaz e ambiciosa, ligada principalmente á conquista de um futuro dinheirinho. Não é, todavia, um egoista, pois o seu coração é aberto á bondade e á philantropia. Os caprichos da sua natureza parecem ser de ordem moral e intellectual. Julga-se um ente superior e, como tal, desdenha de proceder como o commum dos mortaes. Até certo ponto parece razoavel essa pretensão. Mas vem d'ahi um certo estado de impaciencia e desconfiança, que é um dos seus maiores característicos, assim como o da dissimulação constante, para não dar a perceber as suas intimas contrariedades.

CORINNE (Macció) — O seu caracter define-se pela indecisão do espirito, pela vaidade e por um idealismo sem orientação. Ha no seu todo alguma coisa de infantil, de muito infantil mesmo; de sorte que os signaes de indecisão podem ser levados á conta da pouca idade. E, se não, tanto peor para si; pois, nesse caso, são signaes de evidente falta de senso ou de uma ingenuidade inacreditavel. E' dissimulada e falta-lhe bondade cordial.



GRATIS!...

Si quer ser feliz em negocios e em amizades, gozar saude, viver longo tempo, não perder ao jogo, saber como hypnotisar e magnetisar de perto e á distancia; exercer a clarividencia, augmentar a memoria e o poder da vontade, livrando-se de máos habitos e adquirindo faculdades productivas; conhecer a fundo o espiritismo e a magia; combater e vencer a inveja e a calumnia; livrar-se das más influencias extranhas e dominial-as, vencendo as difficuldades da vida e alcançando a verdadeira felicidade e a paz, peça já o **MENSAGEIRO DA FORTUNA**, de **ARISTOTELES ITALIA**. Só serve para pessoas adultas e não analphabetas. Pedidos ao mesmo, á **CAIXA POSTAL 604** (rua S. José, 6) — Rio — Manda-se pelo correio gratis, a quem enviar este annuncio ou citar o nome desta revista. Não deixe para amanhã. Mande hoje mesmo. Pede-se muita clareza no nome.

Para todos...

CASA COLOMBO

Grandes Armazens

Calçados:

Novos Estylos

Para

Senhoras

Homens e

Crianças.



CASA COLOMBO



Hygiene da cutis

Tratamento e Embellezamento da Pelle

Eliminação rápida de sardas, manchas, espinhas, etc.
Scientifica alimentação da pelle e
desapparecimento das rugas

CREME SCIENTIFICO DA AMERICAN
BEAUTY ACADEMY — 1748
MELVILLE AV. N. Y. CITY U. S. A.

"POLLAH"

Cutis Feia - Espinhas e Erupções

Confesso que deixei de sair e apparecer a visitas, durante bastante tempo, pelo mau estado de minha cutis — espinhas, erupções, pelle aspera — fizeram meu tormento por muito; usei tudo que recommendaram e tudo imaginei que me fizesse bem, sem obter o menor resultado. Recebendo, ultimamente, seu folheto **ARTE DA BELLEZA**, comecei a usar o seu admiravel producto **POLLAH**, e, com extraordinaria alegria vi desapparecerem, rapidamente, espinhas, manchas, erupções; foram tão admiraveis os resultados que fiquei com a cutis tão bella, que oustava acreditar em resultados tão brilhantes. Posso garantir-lhe, com grande satisfação, que possuo, hoje, a cutis em estado de primeira juventude. Autoriso a publicação.

Montevideo, 4 de Julho de 1918.

MANUEL MONTEIRO

PARA O ROSTO

Farinha "POLLAH"

(AMENDOAS)

Amacia a pelle e evita as rugas e asperezas produzidas pelos sabonetes, cujo uso é prejudicial. Muitos estragos produzidos na cutis são causados pelos alcalis e gorduras, materias primas de qualquer sabonete.

Na casa Crashley & C. — Ouvidor, 58, e nas principaes perfumarias do Brasil. — Remetteremos gratis o livrinho **ARTE DA BELLEZA**, a quem enviar o "coupon" abaixo.

(PARA TODOS...) — Corte este "coupon" e remetta aos Srs. Repres. da American Beauty Academy — Rua 1ª de Março 151, Sob. — Rio de Janeiro.

NOME CIDADE
RUA ESTADO



COMO TODOS OS ANOS, O ANIVERSÁRIO DA BATALHA DE TUYUTY FOI, NO DIA 24 DE MAIO, ENTHUSIASTICAMENTE FESTEJADO EM TODO O PAIZ. NO RIO, EM TORNO DA ESTATUA DE OSORIO, O POVO REUNIU-SE, IRMANADO AO EXERCITO E A MARINHA, JUNTO DAS AUTORIDADES DA REPUBLICA, PRESTANDO HOMENAGEM COMMOVIDA AO GRANDE CASO DE GUERRA. O CULTO DE OSORIO AUGMENTA CADA VEZ MAIS. NA ADORAÇÃO QUE LHE VOTAM AS NOVAS GERAÇÕES HA MENOS O ESPANTO DA SUA BRAVURA DE SOLDADO, DO QUE O RESPEITO DA SUA LEALDADE DE HOMEM SINCERO E CLARO, AGINDO DE FRENTE, PENSANDO O QUE DIZIA DIZENDO O QUE PENSAVA. FILHO DE UMA TERRA ALTIMA, OSORIO GUARDOU SEMPRE, VIGILANTES EM TODA A VIDA, O ORGULHO DOS BONS E A SIMPLICIDADE DOS FORTES.

Os veteranos do Paragnay, à sombra do monumento. O sr. Presidente da Republica e os srs. ministros da Guerra e da Marinha, chegando à praça Quince.



No dia 24 de Maio, o sr. ministro da Marinha offereceu um chá, na Ilha das Cobras, aos officiaes do Exército e suas Exmas. Famílias. A' tarde, houve recepção no Club Militar.

A ETERNA ANECDOTA

— Borboleta!

— Oh! coração!

— Você ainda se lembra de mim?

— Não.

— Pensei...

— Porque lhe chamei coração? Todo mundo é meu coração... Mas, espere um pouco... Parece que me lembro... Foi há muitos annos, não foi?... Foi, sim... Já lhe digo... Ah! Você era bonitinho, meu bem!... Tanto tempo! Você andava na Academia de Direito e fazia versos. Quando não lhe vi mais, uma noite, duas, tres, imaginei que estava doente. Telephonei para a sua pensão... nas Laranjeiras... perto da igreja... Não me esqueci, vê? Ou, para falar a verdade, agora é que me recordo... Disseram-me que tinha embarcado. Sem se despedir de mim, não! Depois, rolei por ali, sempre cantando... Até num mandeado me metti. Viajei o Norte, de estrella... Depois... Foi... foi ha treze annos... Como eu lhe quiz bem! E você? Muito feliz? Casado? Sim? Tem filhinhos?

— Tenho.

— A gente se encontra... Porque entrou aqui?

— Li o seu nome na taboleta...



— Sentiu saudade de mim? Fiquei feia...

— Não. Nem mudou quasi. Só mais magra.

— E mais velha...

— Não...

— Eu sei...

— Quer beber um licor?

— Cognac.

Bebeu de uma vez. Quebrou, sorrindo, os olhos postos nos meus olhos, boa, tímida...

Gritaram lá de dentro:

— Maria!

Rita levantou-se:

— Até já.

Subiu para o palco. O pianista tocou uns compassos, ergueu a cabeça, fez-lhe um signal. Escutei, então, a pobre creatura cantar, cheia de gestos:

"Yâyá, olha a feia,
Nós vamos de qualquer maneira..."

Paguei. Sabei. E vim, rua fóra, com aquellas palavras ecoando na cidade toda, em toda a terra immensa...

Fazia frio. Ameaçava chuva. Vozes confusas murmuravam, no silencio. Passos, de pressa, latiam as calçadas.

Oh! vida maravilhosa!

ALVARO MOREYRA.

ANTONIO FERRO

Antonio Ferro, o autor da *Leviãna*, *Gabrielle D'Annunzio* e *eu* e *Arvore de Natal*, está no Rio.

A *Leviãna* e *Gabrielle D'Annunzio* e *eu* silhuetaaram Antonio Ferro na moderna geração portugueza como uma forte e original affirmação de sinceridade e arte.

A vida é uma boneca desarticulada que Antonio Ferro passeia pelas aléas areadas da sensibilidade. A vida, para Antonio Ferro que a sente, sincero, é a boneca que põe entusiasmo nos gestos, nos olhos, na bocca, na alma. A *Leviãna* é uma novella em fragmentos como a propria vida, cuja continuidade é sermos nós, apenas. Sermos nós é a garra que deixa marcado o momento que passa, — este momento manchado de mil ancias, tempo zigzagante e febril que os ponteiros dos nossos relogios tentam esgrimir em vão.

Antonio Ferro escreve a chronica, filmando o momento. Os homens, as cousas, as paisagens focam-se no écran da sua alma.

A Italia de D'Annunzio, a Italia de Fiume — uma vela latina abrindo ao céu adriatico — a Italia que cre no amanhã, no silvo agudo das suas locomotivas e machinas, a Italia dos futuristas, os irredentistas da Arte, a Italia de Venezia que traz no ca-



Antonio Ferro e o seu gato.

nal dos seus labios a gondoia dos rythmos, a Italia de Roma que abre no seu seio as pedras gritantes do Coliseu — a Italia, toda a Italia passa como um film no *Gabrielle D'Annunzio* e *eu* — película animada de palavras que têm uma nova musica, um novo colorido, que se levantam em novos gestos.

O Rio intellectual vac ter o prazer de ouvir, numa serie de conferencias, Antonio Ferro. Traz a nova expressão d'arte de Portugal, as novas linhas, as novas cores, a pandeireta vibrante das novas palavras.

A alma de Antonio Ferro é o écran mais nitido do Portugal modernista.

C. Lobo de Oliveira.

A belleza antiga era logica; essencialmente plastica; a moderna é psychologica; vive da expressão. Aquella era antes uma *attitude*, esta uma *acção*. — Assim, sempre que hoje notamos, com surpresa feliz, com uma divina alegria interior, que certa mulher é bella — podemos acreditar que nella existe — no rosto, na linha do nariz, no angulo facial, na formosura do esqueleto, a foça dos cânones de Polycleto ou de Lysippo, — algum fragmento dos destroços da belleza antiga.

FLEXA RIBEIRO.



FESTA
DE
ANNIVERSARIO

Na "Villa Inga", residência do Sr. Ercle Tramontano, presidente da "Società Auxiliare della Stampa", no dia do seu aniversário natalício,



A LUZ VERMELHA

Dos escriptores novos, nenhum possui, como Benjamin Costallat, publico tão numeroso. Os seus livros duram pouco nas livrarias. Esgotam-se logo. Elle, contente, não os reedita: edita outros. Por isso, estreada em 1918, a obra de Benjamin Costallat conta já cinco volumes. *A Luz Vermelha*, o seu primeiro trabalho de autor, porque o anterior fora de critico, desaparecera e ha muito. A insistencia com que era procurado, o decidiu, enfim, á segunda edição (3.ª, 4.ª e 5.ª milheiros), agora posta á venda pela Grande Livraria Leite Ribeiro.

Quem ainda não leu *A Luz Vermelha* que se apresse: de tres mil, poucos exemplares restam.



DE TRISTAO DA CUNHA

Cha me m o s de novo a gente discreta. A exemplo della cultivemos o sorriso. Di ga m o s que o mundo nem é o valle de lagrimas, rem uma kermesse de valiosos irremediáveis: mas o unico bem, fugitivo e precioso, que os deuses deixaram aos homens. Vozes divinas cantam ain-

da muita vez nas fontes, e das florestas aquelle engenho greco-romano soube fazer jardins, alguns melancolicos, mas sem feras, nem violencias, nem terror. E tornaremos áquelle animo gracioso e sereno que manda viver e polir a vida, e, melhor que as preparações theatraes, ensina a ir sorrindo ao encontro dos males certos.



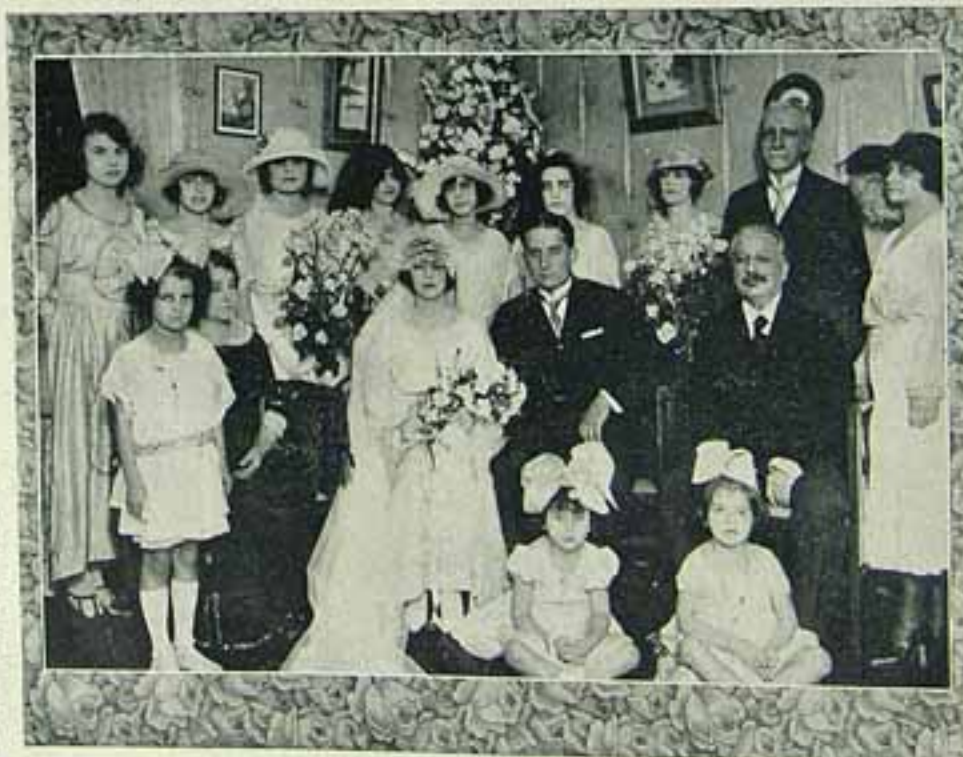
AS FITAS CINEMATOGRAFICAS...

...as grandes fitas, em series, que tanto empolgam o nosso publico, terão um rival vencedor no cine-romance "A Mão Sinistra", de Eduardo Victorino, cujo primeiro fasciculo será posto á venda no dia 7.



O CENTENARIO

A idéa primitiva da *Ilustração Brasileira* era comemorar o Centenario da Independencia com seis edições da bella revista. Mas, seis edições, quinzenaes, não poderiam ser a obra perfeita que serão as quatro, agora decididas, mensaes. Cada uma dessas edições custará 10\$000. As novas assignaturas, portanto, este anno, terão seus preços augmentados: um anno 60\$000; seis mezes 48\$000.



Eulace Mathilde Pereira Brasil - Dr. Gilberto Toledo — Os noivos e pessoas presentes, tendo-se de pé o Sr. Dr. Christiano Brasil, pae da noiva.



A AVIAÇÃO EM S. PAULO

1 — Chegada de Fritz Roessler ao aerodromo "Curtiss"; 2 — Edu Chaves e tenente Reynaldo, instructor de Aneia; 3 — A aviadora Aneia entre Edu Chaves e Antonio Proáo, presidente do Automovel Club; 4 — Aneia a 2.200 metros; 5 — O aviador Fritz e o seu mecânico, partindo para um vôo; 6 — O representante do presidente do Estado baptiza o aparelho; 7 — Aneia Pinheiro Machado, pronta para o vôo inaugural; 8 — Acompanhando o vôo de Aneia; 9 — O aparelho "Bandeirante"; 10 — Representantes do mundo official e imprensa.

CINEMA PARA TODOS...

REVISTA DEDICADA AOS INTERESSES DA CINEMATOGRAFIA

REDACTOR - CHEFE
OPERADOR

Rio de Janeiro, 3 de Junho de 1922

COLLABORADORES
VARIOS

A NOSSA CAPA

DOROTHY DALTON, estrella da Paramount, é uma das mais apreciadas estrelas norte americanas. Tem apparecido muito raramente nestes ultimos tempos.

No proximo numero — ERICH VON STROHEIM.

Chronica

Uma pirataria cinematografica

Desde muitos annos pratica-se nos Estados Unidos uma serie de furtos de copias dos films mais famosos, de melhor mercado. Essas copias são levadas para "ateliers" especiaes, que se encarregam de, por meio dellas, fazer um novo negativo, "contra-tipo", e daste tirar uma nova serie de copias, que se espalham pelo mundo, a preços convidativos.

A empresa que mais victimada tem sido por esse bando de piratas é uma das que, notabilizando-se pela excellencia dos seus films, todos considerados "extra", por achar franco e vendoso mercado na America do Norte, até bem pouco tempo, descurou os mercados estrangeiros — a United Artists.

Não faz muito noticiamos no "Para todos..." a condemnção da quatro gatunos, presos quando roubavam algumas caixas de films despachados da California para outro Estado da União. Eram films de Mary Pickford, Douglas Fairbanks e Griffith. Esses films têm grande consumo em países menos policiados em que abundam exploradores de cinema pouco escrupulosos.

As copias feitas com um "contrat-tipo" nem de longe se assemelham com uma copia feita com o negativo, e qual quer pessoa medianamente entendida em photographia sabe bem os motivos.

Assim, a exhibição desses films falsificados só pôde redundar em prejuizo do productur, ao qual serão attribuidos todos os defeitos da má photographia.

Na America do Sul, era Buenos Aires antigamente o centro dessa pirataria internacional. Varios dos films da United Artists passaram nas telas porteñas, attrahindo a importancia daquelle mercado as preferencias dos exploradores desses negocios excusos. Talvez por esse motivo mesmo, acaba aquella empresa productora "yankee" de abrir seus escriptorios na Argentina, onde por signal tem achado no mercado grande resistencia, dado o elevado preço pedido aos exhibidores já habituidos a pagar films daquelle marca por dez réis de mais coado.

O primeiro trabalho dessa agencia foi, pelos meios legaes, impedir a exhibição em todo o mercado argentino dos films daquelle marca, que não as copias por ella fornecidas aos exhibidores.

Fechado o mercado argentino, necessariamente os piratas terão levado o vôo, buscando mais propicias plagas.

E parece ter sido o Rio de Janeiro um dos pontos escolhidos por essas suspeitas aves de arribação.

Com effeito, na semana finda exhibiu-se no Cinema Central um dos films roubados á United Artists — "Pollyanna" — dentre os trabalhos de Mary Pickford um dos de maior renome.

A photographia defeituosa revelava positivamente a fraude.

Cabem ao Sr. Pinfieldi, por tantos ou-

tros titulos já merecedor dos applausos do nosso meio cinematographico, as glorias da introdução dessas produções avariadas em nosso mercado. Já (faz um anno mais ou menos) exhibiu elle "S. Magestade, o Americano", de Douglas Fairbanks, adquirido por fôrma identica e que como "Pollyanna" revelava logo e logo sua fraudulenta origem.

Nos cartazes, pregados á porta do Central, o nome da fabrica foi cuidadosamente supprimido, claro indicio da panfaria, porque se se tratasse de negocio legitimo a declaração da marca afumada seria motivo até de reclame.

Ora, se ha entre nós uma Associação de Exhibidores, esse procedimento incorrecto deveria merecer-lhe a attenção. O exhibidor que adquire um film nas condições expostas torua-se, nada mais, nada menos, do que um receptor de furtos. E a classe dos exhibidores não deve querer dessa gentia em seu seio.

OPERADOR.

UMA INICIATIVA DIGNA DE APPLAUSOS

Os Srs. Salvador Aragão & Cia. inauguraram, sabbado ultimo, as installações da Brasilia Film, empresa destinada a incrementar entre nós a industria cinematographica. Não faz muito, uns dois numeros passados, desta pagina mesmo, faziamos considerações sobre a necessidade que se nos affigura imperiosa de entrar o Brasil no mercado productur, fazendo resaltar a importancia insuperavel do film como vehiculo de propaganda. Povo que não fabrica films é um povo desconhecido, affirmamos então, concitando os homens do governo a lançar as suas vistas para esse ramo industrial, já que a iniciativa privada e o acanhamento de vistas de nossos capitalistas, tão medrosos sempre em materia de novidade, não se moviam.

A Brasilia Film é uma tentativa; modesta ainda, suas installações nada tem do grandioso aspecto de suas congêneres americanas. Pôde ser entretanto, e é o que de coração desejamos, que a debil plantinha plantada sabbado ultimo, solemnemente, em presença de altas personalidades, imprensa e interessados (quão poucos!) nesse ramo de industria e de commercio, venha a ser mais tarde arvore frondosa e robusta, já que essa fronde e esse poste se fazem tão necessarios ao serviço de nossa terra atravez do universo, levando-lhe o conhecimento da nossa terra e do que nella temos laborado.

Esta revista, que tanto se tem batido para que seja entre nós uma realidade a cinematographia, só pôde ter applausos para essa benemerita iniciativa, agradecendo a um tempo a homenagem que a empresa lhe prestou na pessoa de seu director.

OPERADOR N. 2



Inauguração da Brasilia Film, no sabbado ultimo

Jesse Lasky apresenta Rodolph Valentino e Agnes Ayres.

EM "PAIXÃO DE BARBARO" (THE SHEIK)

Um dos maiores sucessos cinematographicos do anno findo nas telas norte-americanas foi *The Sheik*, em que sob a direcção de George Melford appareceram juntos, pela primeira vez, Rodolph Valentino e Agnes Ayres. Rodolph Valentino, italiano de origem, ex-dansarino de *cabaret*, triumphou na producção *Os quatro cavalheiros do Apocalypse*, ganhando fama desde logo. Por esse motivo a Famous Players, a grande productora norte americana, que

faz questão de manter sempre sob suas bandeiras as maiores celebridades da tela, contractou o moço italiano, e desde então tem figurado elle em uma série de films, ao lado das principaes figuras femininas do elenco da Paramount, convindo citar Dorothy Dalton e Gloria Swanson.

Foi porém com Agnes Ayres o seu primeiro film, instantente no *Sheik*.



em que apresentaram a ambos notavel interpretação.

O temperamento latino de Valentino teve nessa producção, em que figura um filho do deserto, as pressas entre o sentimento innato de cavalheirismo dos orientaes e

o impulso dos seus sentidos, como já tivera no papel de Julio Desnoyers, da obra de Blasco Ibañez, bastas occasiões para se revelar em lances magnificos. Auguramos ao gall italiano uma grande popularidade entre nós, muito brevemente. Seus dotes artisticos, realçados por um physico magnifico, impor-se-ão ás nossas platéas, fazendo temivel concorrência a Wallace Reid.

Agnes Ayres é a triumphadora d'*A fornalha* e d'*O fructo prohibido*, que lhe deram logar de destaque entre as favoritas do nosso publico.

O entrecho do film, que publicamos em outro logar desta revista, é absorbente em suas numerosas scenas attractivas. Os scenarios reconstituem aspectos do Sahara e da vida errante dos beduinos, entre tendas, oásis, palmeiras e areias movediças. Os vestuarios são riquissimos, respeitada com absoluto rigor a indumentaria dos arabes. O *Sheik* vai ser um dos grandes sucessos da Paramount este anno. O film começará no dia 12 do corrente, a ser passado no Cinema Avenida.



GOZANDO A VIDA

TWO WEEKS WITH PAY

Film da Realart — Produção de 1921

DISTRIBUIÇÃO

Pansy O'Donnell . . . BEBE DANIELS.
Marie La Tour . . . JACK MURRAY.
J. Livingston Smith . . . GEORGE PERIOLAT.
Ginsberg . . . JAMES MASON.
Algy Claybourne . . . FRANCES RAYMOND.
Sra. Wainsworth . . . POLLY MORAN.
Criada de quarto . . . WALTER HERS.
Mordomo do hotel . . . WALTER HERS.

OPINIÕES DA CRÍTICA

Bebe Daniels, impagável heroína de uma saltitante comédia da Realart.

Moving Picture World.

Um fio de enredo, mas bem divertido.

Motion Picture News.

Espirituosa comédia com a trefega Bebe Daniels em um papel duplo.

Exhibitor's Herald.

Propria para que a brilhante estrella, que é Bebe Daniels, demonstre a vivacidade de seu temperamento artístico.

Exhibitor's Trade Review.

Deve agradar e divertir toda a sorte de espectadores.

Wild's.

Pansy O'Donnell raras vezes perdia o animo. Não era a toa que ella tinha aquelles olhos negros fogosos e aquelle "O" antes do nome. Nem por isso, quando Ginsberg, o gerente, a chamou ao seu escriptorio particular, deixaram os seus joelhos de tremer um pouco nas suas meias de seda, os seus dedos de tamborilar com o lapis um rythmo apressado e nervoso.

— E então? — perguntou, corajosa, assumindo um ar postico de despreocupação, á espera de ouvir as contas que Ginsberg lhe ia tomar por ella ter corrido com Algy Claybourne, essa manhã. Elle que lhe perguntasse, que a resposta estava prompta! O que é que elle pensava? Que, porque ella era apenas um modelo e vendeuse da Loja de Paris e Algy Claybourne tinha quatro vintens de seu, ella estava disposta a tolerar-lhe os atrevimentos? Não, não lh'os tolerava, nem a elle, nem a nenhum outro! E Ginsberg já o devia saber!

— E então? — repetiu, desta vez com um ar um pouco mais provocador.

O gerente lançou-lhe um rapido olhar investigador e disse-lhe:

— Sabes, Pansy? Acho que você precisa de um descanso.

— Credo! Que tacto! Até parece que está com medo de me mandar embora! — reflecte Pansy consigo, sem pronunciar palavra.

— Seria do seu agrado ir-se embora? — proseguiu o gerente. A rapariga continuou calada, mas enterrou os dentes na borracha do lapis.

— Ir-se embora por oito ou quinze dias? Olhe, offereço-lhe uma cousa: dou-

lhe duas semanas com vencimentos, — serve?

— Qual! O senhor não está falando sério!

— Certo que estou! Duas semanas que você passará em qualquer retiro tranquillo, a comer bem, a dormir até tarde, com os seus vencimentos pagos, e sem nada que a possa atormentar!

— Ah! não! Se é essa a sua idéa das duas semanas com vencimentos, de que me quer fazer presente, pôde guardar o seu offerecimento. Comigo, é o Hotel Fairview ou cousa nenhuma!

— Safa! Olha como ella fala, esta Dona Sua Alteza! Que é que a senhora pensa? A hospedagem no Fairview custa um dinheirão, rapariga!

— E exige boas toilettes, Ginsy! Mas com aquelle vestido palhetado e o outro, o cinzento, ou podia...

— O jersey representa mil dollars, e o cinzento mais ou menos o mesmo. Entretanto...

— E' isso mesmo, conclue: entretanto, a boa publicidade é sempre remuneradora!

— E'... Não é má idéa, não... Gasta-se em bobagens muito dinheiro que se poderia empregar em boas roupas, e nesse particular a Loja de Paris offerece excellentes empregos de capital. Pois está feito! tira o vestido palhetado, tira também o cinzento, leva o mais de que possas precisar, e trata-me isso tudo com cuidado!

— Obrigada, Ginsberg! O senhor é um amor de gerente! Verá como eu o vou recompensar!

E assim veio a succeder que no dia seguinte Pansy O'Donnell viajou no taxi do hotel, desde a estação até aquelle famoso retiro, o Fairview Hotel, habitação predilecta de todas as matronas sociaes, das mais festejadas rainhas do cinema. Empilhadas á volta della, viam-se malas grandes e pequenas com as ultimas creações da Loja de Paris, e caixas de todos os tamanhos, com chapéus, *fournitures*, accessorios, etc. Os olhos dilatavam-se-lhe de curiosidade e o rosto de interesse ante esta nova aventura. Encostou-se á janella para contemplar a verde paisagem que, á rapida passagem do auto, se pontuava de granjas e quintarolas.

De repente, uma subita exclamação do *chauffeur*, um abalo tremendo, uma parada repentina e Pansy encontrou-se de pernas para o ar, enterrada numa substancia viscosa que se agarrava, humida e teimosa, aos pés, ás mãos e á roupa. Numa das faces, alastrava-se a mesma repulsiva substancia.

— Lama! — exclamou com surpresa, esfregando um indicador amarello sobre as suas meias rotas.

— E! A' lama é que sabia uma pasta que me entrou pela bocca! — confirmou uma voz masculina que partia de uma poça, ao lado.

— Uf! — fez Pansy. — O que é que o senhor está fazendo aqui?

— A mesma cousa que a senhora, a mesma cousa que fazem as ninhocas: gozando o prazer da lama!...

— Não comprehendo, — disse a rapariga intrigada. — Eu vinha num taxi... Que foi que se passou?



A estrella que chegava ao hotel

— Eu estava numa barata; mas macacos me mordam se eu também sei o que ocorreu. Desculpe que não me tenha apresentado. Eis o meu cartão.

— Jack Livingston Smith, — leu Pansy impressionada, ante aquelle pedacinho de cartão. — Mas não é o tal Jack Livingston Smith, com certeza?!

— Elle mesmo, sem tirar nem pôr!



Marie La Tour sou eu

— Muito prazer em conhecê-lo. En sou Pansy O'Donnell, e as violetas se dão bem com a lama!

Jack levantou-se e deu a mão a Pansy, para que ella também se levantasse.

— Leve esta moça a uma lavanderia! — disse ao *chauffeur*, que só dera pela falta de um guarda-lama e um pharol do seu taxi.



Pansy, a "vendeuse"

— Espero que nos possamos reconhecer, da primeira vez que nos tornarmos a ver, — disse Pansy. — Estou morando no Fairview Hotel.

Jack assobiu baixinho e arregalou os olhos. — Belleza e fortuna, — disse de si para si. Depois, em voz alta:

— Lá irei visitá-la, se m'o permittir. E muito agradecido por ter vindo brincar na minha poça...

Pansy chegou uma hora depois ao hotel, inteiramente restituída á sua normalidade.

— Quarto e banho! — disse para o rubicundo empregado do escriptorio, com uma antepara verde sobre os olhos, quan-



Passeando sempre juntos

do obteve que elle desprendesse a sua atenção da ultima revista cinematographica, ha pouco recebida.

Elle empurrou para o lado della o registro de hospedes, e grosseiramente acompanhou a penna com que, na sua letra redonda, bem legivel, ella traçou: "Pansy O' Donnell, New York".

O empregado deu a chave do quarto a



Vendo as revistas cinematographicas

um *chasseur* de vermelho, que reuniu a preciosa bagagem de Pansy, e lhe fez signal que a acompanhasse.

— Psst! — fez o gorducho para os outros empregados. — Repararam nella? Pansy O' Donnell, nada! Para cá, não péga! Se aquillo não é Marie La Tour, tu quero ser musico de cinema! Esse plano de incognito não vae commigo! Dei-



A famosa estrella...

lhe o aposento azul dos 45 dollars: As rainhas do cinema podem pagar isso e muito mais!

Por artes magicas espalhou-se a voz de que a universalmente celebre Marie La Tour estava registrada no hotel, sob o nome de Pansy O' Donnell, e pouco depois, com excepção della, não havia ninguem no hotel que ignorasse que ella era Marie La Tour.

O esplendor dos aposentos que lhe destinaram deslumbrou-a a principio. Depois que voltou um pouco a si, poz-se a contar o dinheiro de que dispunha para custeio das suas férias. Chamou então o caixeiro gordo do hotel ao telephone:

— Quanto estou eu pagando por estes aposentos?

— Quarenta e cinco por...

— Por que?

— Por semana. Por este preço acho que lhe deve servir. E' o melhor da casa!

— Deve ser. Por esse preço!... Mand-me uma criada que me ajude a fazer as malas, e dê-me outro aposento, por metade do preço. Isto é caro demais para mim!

— Ha, ha! — exclamou o caixeiro triumphante, ao desligar o phone. — Espertalhona! Ella quer quartos que digam com o nome que allegou: Pansy O' Donnell... Mas a mim você não embrulha, Miss La Tour!...

Mal Pansy deixara o phone, soou uma pancada á porta do seu aposento. — Entre! — disse ella, e a porta foi aberta pela Sra. Wainsworth, consorte dos milhões Wainsworth:

— Minha querida Miss La Tour, espero que me perdõe o meu atrevimento, — começou; mas Pansy interrompeu-a:

— A senhora deve estar equivocada, Sra. Wainsworth. Não é a Miss La Tour: é a Miss O' Donnell que a senhora está falando!

— Sim, bem sei. A senhora tomou o nome de Miss O' Donnell por sua conveniencia; mas todos nós sabemos quem a senhora é, na realidade.

— Quem eu sou na realidade? Sou na realidade Miss O' Donnell, e mais nada!

— Sabemos todos que a senhora veiu aqui para descansar. Compreende-se bem, com a vida fatigante que a senhora tem. Sem embargo disso, entretanto, queriamos que a senhora, um dia só, se prestasse a colaborar para o nosso fundo dos aleijadinhos. Pobres anjinhos! Alguns nunca sequer andaram! Francamente, Miss La Tour, o seu empenzario foi muito cruel, ao escrever-nos a carta que hoje recebemos. Ah! a tem: leia-a!

Metteu a carta nas mãos relutantes de Pansy, e assim veiu ella a saber que a Marie La Tour, famosa estrella cinematographica e soberana das aguas, não teria consentido arriscar a sua vida preciosa, o seu corpo de sylphide, por causa de um simples beneficio em favor de aleijadinhos.

— E' só um dia, Miss La Tour. Pense no que isso representaria para o nosso fundo. A senhora decerto não privará essas caras creanças da felicidade que o nosso dinheiro lhes pôde proporcionar. A senhora é mulher, sabe o valor que isso teria para os innocentinhos! Presta-se a ajudar-nos, — sim?

Pansy tinha um coração condizente com os seus olhos e com aquelle "O" que figurava no seu nome. Ella bem sabia de quanto valia o dinheiro para aquellas pobres creanças desprotegidas da sorte.

— Eu não devia fazer isto, Sra. Wainsworth. — O... meu empenzario, com certeza se vae zangar, mas...

A Sra. Wainsworth comprehendeu que ella cedia.

— Ainda bem! Ainda bem! Mil e mil

vezes obrigada! Vou agora mesmo dar a noticia...

— Tenha muito cuidado no dar a noticia. Se isto vae aos ouvidos do meu secretario, é certo termos barulho!

— Compreendendo perfeitamente Miss La Tour, e agirei com o maior cuidado. Sabe para que dia queremos o seu concurso? E promete não se esquecer?

Apenas a Sra. Wainsworth se reboçou para fóra do quarto com todos os seus milhões, Pansy correu ao espelho e examinou-se de alto a baixo:

— E's então Marie La Tour? — disse para a imagem, defronte de si. — Todos o dizem, e portanto tens que ser ella mesmo! Com empenzario ou sem elle vae ter que ser ella um dia ao menos, e portanto é melhor que comeces desde já.

Pelo telephone pediu exemplares de todas as mais recentes revistas cinematographicas, onde ella pudesse colher fosse o que fosse sobre a famosa actriz que ia representar.

O rapaz que lh'as levou, momentos depois, levou-lhe tambem uma carta de Ginsberg, em que elle annunciava a sua chegada, no dia seguinte, para ver como iam as cousas.

— Quer isto dizer que será hoje! — commentou Pansy. — Que surpresa vae ser para Ginsberg!

E de facto, Ginsberg mostrou-se surprehendido, pasmado, encantado:

— Um grande *truc* de publicidade, sem contestação! Não te esqueças, agora, de que eu sou o teu costureiro, pois Marie La Tour é celebre pelas suas *toilettes*!

A Sra. Wainsworth e as suas opulentas amigas penduraram-se ao pescoço do Sr. Ginsberg, assediando-o de encomendas de vestidos copiados das "maravilhosas" *toilettes* de Marie La Tour. O coração do gerente enterneceu-se por Pansy, como jámais se enternecera desde que ella entrara para a Loja de Paris. E esfregava as mãos contente, e ria, repassado de prazer...

Ao dia seguinte, um esbelto e bem penteado mancebo; parou á porta do Fairview Hotel, num *rodster* amarello, e perguntou por Miss Pansy O' Donnell. O gorducho piscou-lhe porém o olho com ar de sabido e perguntou-lhe:

— O senhor sabe quem é mesmo essa princezinha?

— Decerto! Pois se ella propria me disse!

— Qual, historia! O senhor está ainda no embrulho, como muitos foram! Aquella moça é Marie La Tour, a famosa Venus da tela, que veiu para aqui posar de modesta Pansy!

— O que?

— E' isto mesmo, mas não se impressione, que não é caso para isso!

Jack Livingston debateu o caso comigo por um momento. — Leve-lhe o meu cartão! — disse por fim, com muita dignidade.

Pansy recebeu-o, e disse para Ginsberg:

— Sabes quem é, Ginsy? E' Jack Livingston Smith, o *millionario*! Foi elle que me pescou em uma poça de lama em que caí. Que te parece este vestido em mim?

— Parece um vestido de um milhão de dollars! Olha: se amavel para com Jack! E' publicidade que tambem pôde valer á pena!

— Decerto que vou ser amavel para elle! Não m'o precisas recomendar! Que lindos olhos que elle tem! Mesmo cobertos de lama, parecia que falavam, os diabinhos!

Sob uma bateria de centenas de olhos assestados, Marie La Tour, aliás Pansy O' Donnell, partiu do Fairview Hotel no *rodster* amarello, com um mancebo esbelto



Pola Negri

Pola Negri é um legítimo producto do cinema; um dos maiores productos do cinema; e como ella todas as grandes figuras da tela. Seu successo formidavel faz-nos lembrar o de Lillian Gish, Mary Pickford e Norma Talmadge, porque, se é facto que Mary e Lillian tiveram algum conhecimento do palco, pôde-se afirmar contudo que, ao se passarem para a tela, mal ensaiavam as primeiras letras do alfabeto da arte. O mesmo aconteceu com Pola Negri. Sua experiencia theatral, antes de figurar na tela, era absolutamente insignificante. Fora dançarina e pantomimeira, mal ensaiando os rudimentos da gesticulação. Hoje, com vinte e sete annos, apenas, é um meteoro que perpassa nas nuvens, um producto do cinema e não uma actriz transportada do palco para a tela. Na Alemanha muita gente se espanta da rapida e grande fama de que ella goza na America, por isso que lá ella não goza dessa immensa reputação e Asta Nielsen como Henny Porten são estimadas como artistas não menores do que ella. Pola Negri, entretanto, tem sobre as duas uma vantagem: é mais *photogenica* do que ellas, dá mais na vista. Será esse o motivo da sua popularidade na America? indagam os allemães. Pois é possível que a photogenia seja um criterio para julgar do senso artistico? Os motivos para o fulminante successo de Pola Negri na tela americana são varios. Em primeiro lugar, a novidade; em segundo, ter apparecido em um papel de vampiro, que desaparecera de nossas telas, depois que Theda Bara o tornára ridiculo. E o mais importante de todos, o de não ser Pola Negri uma conhecedora profunda do trabalho cinematographico: assim, se o papel lhe exigia que chorasse, ella chorava, se tinha de rir, ria, se tinha de gritar, gritava... Ella não se preocupava se os sentimentos que as suas feições exprimiam a tornavam bonita ou feia. Trabalhava naturalmente. As estrellas americanas já começavam a cansar o publico, pela sua insistencia em apparecer sempre

bellas. Dahi a superabundancia das scenas em primeiro plano, dos perfis, dos *flous*... Eram todas da mesma escola. O photographo embellezava até as scenas de morte, a pedido das estrellas. Em *Madame Dubarry*, a photographia era mediocre, a iluminação insufficiente, e raras eram as chamadas ao primeiro plano. Ella, com os grandes olhos buliçosos, sua bocca sensual, sua fronte intelligente, mudava de scena para scena e suas feições combinavam com os sentimentos que tinham a exprimir. Quando o director dizia porém — descansemos agora — ella podia retirar-se convencida de ter dado o maximo do esforço devido pelo dinheiro que o compensava. Ha momentos em alguns dos seus film em que ella chega a parecer feia. Em *Sumurun*, por exemplo, ha scenas em que ella apparece medonha. Em *Madame Dubarry* as melhores caracterisações são as de Luiz XV e Choiseul. O papel de Dubarry, por Pola Negri, tendo em mira o ponto de vista da arte pura, não era cousa de maravilhar ninguém. Entretanto, maravilhou o povo americano. Muito se tem escripto ou falado a respeito da vida de Pola Negri, antes della conquistar a celebridade. Realmente os detalhes são logares communs que a descrevem como dançarina polaca, trabalhando ora na Polonia, ora na Austria, antes de 1914, e quando a Polonia se tornou o campo de batalha da Europa, em que slavos e teutões se entredestruíam, partindo a buscar trabalho em Berlim. Trabalhou como *extra* nos studios da Ufa. E tão desconhecida, tão insignificante era que, quando Lubitsch fez em 1915 seu primeiro grande film, *A princeza das Ostras*, a joven polaca não obteve nelle nenhum papel. Ossi Oswalda teve as honras de estrella nesse trabalho. Por esse tempo tinha a Ufa um director chamado Stern. Foi elle quem primeiro lançou os olhos sobre Pola Negri, dando-lhe o papel principal em uma das suas produções. Viu-a Lubitsch, e quando por

esta ou aquella razão, varias artistas se excusaram de interpretar o papel de Jeanne Vanbarnier, em *Madame Dubarry*, entregou-o elle a Pola Negri. Foi esse o inicio de um periodo de quatro annos de trabalho encarnicado, no qual ambos, director e estrella, cresceram em fama. Esse trabalho a dois faz-nos lembrar Mary Pickford e Marshall Neilan e os films produzidos então: *Rebecca*, *M'liss*, *Daddy Long Legs* e outros. Foi então que Pola Negri e Lubitsch fizeram *Sumurun*, *Carmen* e uma serie de outros films. Separaram-se quando Lubitsch foi dirigir *A mulher de Pharaó*. O ultimo trabalho que fizeram juntos foi uma comedia, enredo de Lubitsch, *Gatinha montez*, que foi mal recebido na Alemanha. Os successos de ambos, trabalhando juntos, são maiores do que os de cada um entregue ás proprias forças. Convém por isso especular sobre os projectos desses dois artistas do cinema. Pola Negri está descansando por algum tempo em sua casa de campo, perto de Bromberg, na Polonia. Ha uns dois annos que Pola Negri divorciou-se. Era ella então a condessa Aroldonia Dwomska. Seu marido era o commandante militar da praça e os habitos democraticos de Pola Negri chocavam muito os meios aristocraticos desses *junkers* da Prussia Oriental. Chegou-se mesmo a accusal-a de pouco amiga da Alemanha, ao que respondeu a artista, lembrando a sua contribuição para as despesas da guerra e de assistencia. Pola Negri, apesar de mais moça do que Mary Pickford, parece mais velha do que ella nos trabalhos cinematographicos. Pessoalmente, é muito mais bonita do que na tela. Não se parece em nada com Theda Bara ou Norma Talmadge, como muitos dizem. Como muitos dos artistas berlinezes, gosta de se vestir bem, e suas *toilettes* são feitas em Vienna; gosta do luxo. Simples, sem affectação, recebe bem a todos e cultiva as antigas amizades que tinha quando era ainda simples *extra*, não a ensoberbecendo o seu triumpho. As grandes taxas de imposto não lhe permitem a riqueza. Será certo o seu futuro, ou passará pela tela como um meteoro? Se o publico americano insistir para que ella faça papeis de Pollyana, ella dirá, com razão, que semelhantes papeis não se ajustam ao seu temperamento. Seu logar no cinema não é de uma comediante pura e simplesmente, antes, de uma grande actriz de tragedia. Berlim.

MAX VINDER.

Frank Lloyd deve dirigir Norma Talmadge em *La duchesse de Langeais*, novo film adaptado á scena munda por Frances Marion, do romance de Balzac.



CLARA KIMBALL acaba de firmar contracto para nos dois annos de 1922-23 posar 5 films e mais 3 especiaes, que serão distribuidos pela Metro. O primeiro será *The hands of Narra*, sob a direcção de Harry Garson.

Em *The Woman who walked alone*, da Paramount, trabalham com Dorothy Dalton, Wanda Hawley, Milton Sills, Mabel Van Buren, John Davidson, Charles Ogle. A direcção é de George Melford.



1) Wally Reid a decifrar a correspondencia de suas admiradoras. 2) Bebe Daniels, tonta com as declarações, imagina o meio de fazer "dar a fóra" aos perzús... 3) Jack Holt não confia a ninguém a tarefa de abrir as suas cartas. 4) Rudolph Valentino recebe centenas de cartas no dia.



MADE IN U.S.A.



MARGUERITE CLAYTON

que por muito tempo lhe fitou os olhos negros e lhe estreitou a mão um pouco mais do que o preciso, quando a ajudou a subir para o seu carro.

— Pansy é um nome que lhe vai a matar! É um nome profundo, velludoso, meigo!

Viu então o carmin apressar-se do peçoço nevado, do oval liso do rosto da sua convidada.

Ninguém saberá já mais do que elles conversaram durante aquelle trajecto de milhas pelas estradas pittorescas do campo; mas quando Jack Livingston a deixou á escada do hotel, depois do passeio, havia um novo tom de confiança na sua voz, e nos olhos de Pansy brilhava tambem um novo clarão. Molle e complacente, a mão da moça repousou na delle quando se separaram, e Pansy penetrou no hotel, cantando por entre os labios cerrados uma canção de enlevo e de paixão.

O Sr. Ginsberg esperava-a no vestibulo. Tinha o ar de que havia feito um bom dia de negocio, e nadava em satisfação.

— A Sra. Wainsworth acaba de encomendar outro vestido! — exclamou triumphante.

Pansy apanhara o jornal da manhã e percorria distrahiadamente os cabeçalhos. De repente, soltou um gritinho:

— Gimsy, tenho medo! Olhe!

Apontou a noticia da prisão de uma rapariga, detida por andar disfarçada, de modo a imitar outra pessoa.

— E se me prendessem? Não! Vou dizer a todos, enquanto é tempo, que não sou Marie La Tour! Se não me acreditarem, a culpa não é minha.

Poz-se de pé, resoluta, mas a mão do Sr. Ginsberg deteve-lhe o impulso:

— Não seja tolinha, Pansy! Ninguém a vai prender. Além do que, temos que levar isto até ao fim! Imagine que prejuizo para o meu negocio, se a senhora agora descobrisse o seu jogo!

Deixou escapar um novo grito, ao avistar um bigode encerrado e um terno cinzento:

— Algy Claybourne! — disse, collocando o Sr. Ginsberg e uma columna entre ella e o manco que, despercebido de tudo, conversava, animadamente, com o caixeiro gordo do escriptorio.

— Algy é inoffensivo! — observou Ginsberg. — Seja gentil para elle, e verá que elle a segue, como um cachorrinho!

— Mas elle conhece-me, e é muito capaz de me denunciar!

— E de que lhe vale ser Marie La Tour, se não sabe representar? — perguntou Ginsberg. — Agora, é ir até ao fim, com a coragem de um bom sportman!

Pegou-lhe do braço, e dirigiu-se para o elevador. Pansy atravessou a sala altivamente, os olhos cravados num ponto fixo, de frente de si.

O caixeiro gordo acabava de propinar a Algy a sua historia predilecta: como Marie La Tour o tentara enganar, allegando ser Pansy O'Donnell, e como elle lhe descobrira o ardil.

— E' então Marie La Tour aquella moça? — perguntou Algy, a mordicar o bigode. — Pois é extraordinario!

Por seu turno, encaminhou-se para o elevador:

— Ah! Miss La Tour. Queira perdoar-me; mas... não é verdade que já estivemos juntos, de outra vez? — perguntou com o mais galante dos seus sorrisos.

Pansy olhou-o com frieza, sorriu cortezmente, e respondeu:

— Creio que não.

E a porta do elevador se fechou entre os dois, como uma barreira.

Algy procurou-a repetidamente nos dias subsequentes; mas quasi sempre ella conse-

guia escapar-lhe. O carro amarello de Jack constituia o seu instrumento de fuga predilecto, e o abastado Sr. Smith e a formosa Miss La Tour passaram a ser companheiros inseparaveis que se encontravam invariavelmente, nas longas estradas coalhadas de sol. Como muitas flores, cujas raizes nascem de uma poça de lama, o amor delles germinara luxuriantemente, miraculosamente, até se tornar numa ravilha de belleza.

Approximou-se o dia do beneficio e a Sra. Wainsworth procurou Pansy.

— Não se esqueça, querida Miss La Tour, que amanhã é o dia do nosso beneficio.

— Não me tinha esquecido, — respondeu Pansy. — E que desejam que eu faça?

— Ah, pensei que soubesse! A senhora terá que realizar a sua habitual proeza natatoria: já mandámos construir a plataforma, a 25 pés de altura, igual á de que a senhora costuma servir-se. Dahi, a senhora se atirá á piscina grande, na forma habitual.

Pansy sentiu que lhe parava o coração.

— Sinto-me um pouco tonta! — declarou, e afastando-se da Sra. Wainsworth, dirigiu-se para o seu quarto.

O Sr. Ginsberg foi encontrá-la muito desanimada, deitada num divan da sua sala.

— Estamos perdidos, Gimsy! Aquella senhora quer que eu me precipite á piscina, de uma plataforma com 25 pés de alto! Imagine você que basta eu ver um quarto, situado no 2º andar de um predio, para logo me sentir tonta! Quando subo num elevador, sinto vertigens! Por favor, mande-a chamar, diga-lhe que eu adoei repentinamente, que me sinto muito mal, que estou para morrer! Diga-lhe o que você quizer, na certeza de que eu não vou dar o mergulho que ella quer.

— Não, você vai mergulhar, Pansy! Ora se vai! Agora é tarde para recuar, minha filha! Reflecte que desgraça seria para mim, para o meu negocio, se você não cumprisse o prometido. Seria a ruína para mim! E não sou eu porventura um bom amigo? Não lhe dei duas semanas de licença, com vencimentos? Não lhe emprestei os meus melhores vestidos para você fazer um figurão? E depois de tudo isto você tinha coragem de me desgraçar, deixando-me na mão? Não, positivamente não direi nada á Sra. Wainsworth. Recobre o seu animo, e dê o mergulho, que nada lhe acontece!

Pansy estava pallida, mas calma, á hora em que, no dia seguinte, envergou aquelle perverso maillot negro, disposta a se sacrificar á causa dos aleijadinhos innocentes. Menos calma se sentiu porém, quando alcançou o sopé da escada de 25 degrãos que dava accesso á minúscula plataforma, donde se devia atirar. Difficilmente continha a policia a multidão curiosa. Algy Claybourne era um dos que faziam parte do grupo que rodeava Pansy.

— Por que está assim, tão pallida, Miss La Tour? — perguntou em voz baixa, que só Pansy o podia ouvir. — A rainha das canhas como esta!

As palavras delles irritaram-na:

— Cale a bocca! — disse, rubra de co-lera. — Quem me fará o favor de fazer retirar este cavalheiro, que me está pondo nervosa?

Algy não esperou por que ninguem o acompanhasse. Sumiu-se por entre a multidão e foi em procura do mais proximo telephone. O nome de Algy Claybourne fez acudir o empresario da authentica Marie La Tour ao outro extremo da linha. E logo elle explodiu á altura das suas altas funcções, quando Algy lhe informou que uma vendee de uma loja de modas,

que se fazia passar por Marie La Tour, estava se preparando para executar o famoso mergulho da Soberana das Aguas. A esse aviso, respondeu o secretario, que a propria Marie La Tour estaria no local tão depressa lá pudesse chegar, com um automovel.

Lenta, bem lenta, lentamente, Pansy O'Donnell foi subindo a longa escada. Batia-lhe o coração aos saltos e rodopiava-lhe a cabeça; mas os seus dentes cerravam-se numa attitudde de firme, irrevogavel resolução.

— Tenho que mergulhar! Não ha remedio! Jack é de opinião que eu o farei sem perigo, e não o quero desapontar!



Para os pobres aleijadinhos

Espaço a espaço, galgou aquelles interminaveis 25 degrãos, passando depois, de olhos cerrados, á plataforma. Em baixo, a banda executava um dobrado militar, como preparativo para o clangor de trombetas, bombos e tambores, que assinalaria a sua queda na piscina. Segurou-se com firmeza ao varão que guarnecia os lados do estrado. Depois, fixando os olhos em



Mas olhe que posso ser presa

baixo, na agua, que parecia ter-se reduzido ás proporções de uma gotta de chuva, levantou o braço acima da cabeça como vira fazer a tantos nadadores, e precipitou-se no vacuo. Com a presteza de um relampago, a gotta d'agua avolumou-se correndo ao seu encontro e finalmente attingiu-a como um estilhaço de pedra, ferida

(Continúa no fim da revista)



A millionaria e a estrella

O CONCERTO

(THE CONCERT)

Film da Goldwyn — Produção de 1921

DISTRIBUIÇÃO

Augustus Martinot	Lewis Stone
Delphina Hart	Mabel Julienne Scott
Mary Martinot	Myrtle Stedman
Dr. Hart	Raymond Hatton
Eva Aston	Gertrude Astor
Bollinger	Russell Powell
Secretário	Frances Hall
Mrs. Bollinger	Lydia Yeomans Titus
Creado chinês	Louise Cheung

OPINIÕES DA CRÍTICA

Film muito bem feito e muito divertido.

Moving Picture World.

Outra adaptação feita com habilidade.

Motion Picture News.

Conserva o auditorio em constante hilaridade.

Exhibitor's Trade Review.

— Estava a pensar na senhora! — confessou Augustus Martinot, deixando ver um sorriso triste e suave. — Estava a pensar na senhora, Sorriso do Outono!

Não se lembrava do nome della, mas era moça, respondia a perfumes caros, era ardente, e, portanto, servia muito bem aquelle nome que lhe dera. — Sorriso do Outono. Se fosse de mais idade, constellada de diamantes, mas também ardente, chamar-lhe-ia então "Estrella Refulgente", e, finalmente, caso fosse mais velha, solteirona, durazina, mas ainda ardente, não se dirigiria a ella senão pelo nome de "Chère Madame". Era um systema que lhe poupava muitos esforços mentaes.

Sorriso do Outono tremeu visivelmente. — A sua excitação — disse com timidez — a sua execução maravilhosa, maestro! Foi ella que arrastou o meu coração... para o seu!

— Quem sabe — disse Augustus Martinot, deixando vaguear atoa os seus dedos afuselados e brancos, quem sabe se não foi para isso mesmo que eu toquei, *mignone*? Quem sabe se não era a mensagem de minha musica; — um appello do meu coração ao seu!

Desceu sobre ella os olhos. Tinha ensaiado uma porção de vezes aquelle olhar ao espelho em que se barbeava e sabia que era um olhar de valor, um olhar que dizia coisas ineflavas, e as dizia discretamente, sem o auxilio da palavra. Por detraz desse olhar, elle perguntava de si para si: — Mas, afinal, qual é esta? Será Gertrudes, Eva, Constança? Pouco importa! E' tudo a mesma coisa! E' bonita, sem contestação, e eu prefiro as bonitas! As gordas com aquelles appendices que tremelicam como pudins — pfu!... e as outras, as magras, com aquelles ossos que castanholam — pfu!...

— Maestro, parece perturbado...

Lembrava-se agora: era Delphina...

— E não admira! Aquella multidão, aquelle formigueiro de mulheres... como o devem amolar! Do que o senhor precisa é de ir descansar algum tempo, na sua vivenda da montanha!

O musico passou sobre a fronte as suas lindas mãos, mãos tão eloquentes que nem valia a pena escondel-as, e concordou:

— Quem sabe... Quem sabe se a senhora não tem razão! Depois, estes meus

nervos, estes meus pobres nervos torturados pelo cacarejar de todas aquellas garnizes que pretendem comprehender a minha musica e são, entretanto, incapazes de distinguir entre Mac Donald e Debussy!... Mercê de Deus, a senhora é diferente: a senhora é a unica, — a unica, sim! — que realmente comprehende as necessidades da minha alma!

Olhou-a por um momento com uma especie de entusiasmo. Depois formulou mentalmente um sorriso de queixas que não podia articular alto. Queixas contra Maria, que essa manhã não soubera impedir que a criada partisse um vaso, á hora em que elle buscava afinar o espirito para o concerto da noite; que não soubera impedir que um desgraçado realejo fosse gemer, miar, guinchar debaixo das suas janelas. Maria — creatura de espirito pratico, vulgar, *terre á terre* — incapaz de comprehender a sensitividade acutissima, as delicadas *nuances* de um temperamento de artista!

— Eu o acompanharei, maestro! — suggeriu com animo Delphina. — Irei consigo e lhe affagarei essa querida cabeça quando se sentir cansado, e tocarei para seu deleite, quando tombar o crepusculo...

Augustus estremeceu. Lembrava-se bem do que era Delphina ao piano. Aquella idéa de lhe affagar a cabeça não era, porém, de todo má...

— Criança — disse com teiguice. — Criança innocente e querida, sabes acaso o que me estás dizendo? Não, não deixarei que falle assim o teu coração! Não, não e não! Eu sou uma pobre alma solitaria, encurralada nesta gehenna da Arte, d'onde mal me é permitido contemplar a alegria que anda lá fóra, a perfumar as almas!

Todas ellas eram assim: queriam ser a sua musa inspiradora, fazer-lhe meias á agulha, fazer para elle fosse o que fosse! Mas, esta era bonita a valer, e havia uma porção de tempo que elle não dava um rasgãozinho nas conveniencias. Tres mezes, sim, tres mezes pelo menos. E sentiu, sob o panno do collete, uma sensação toda especial. O que? seria amor, ou seria a falta das *tabletes* de pepsina, que se esquecera de tomar depois do almoço?

— O senhor tem uma alma nobre, maestro! — disse Delphina, suspirando — mas nada me pode impedir de o acompanhar até o fim do mundo. Além do que, ninguém precisa saber! Será um dia ou dois, passados no Céu, e depois a volta ao dever, mas com o coração cheio de recordações!...

Cruzou e apertou com força as mãos enluvadas de branco, e teria por certo corrido se não trouxesse no rosto uma confecção de subido preço, importada do estrangeiro. Os seus olhos, os seus grandes olhos românticos, embeberam-se, porém, na poetica cabelleira loura, na figura esbelta do pianista, com expressão identica á de uma criança a contemplar a vitrine de um confeitiro.

Por detraz della, na alameda cheia de sol, outra mulher joven, cujo corpo gracil cingia um vestido de debutante, tremia de felina raiva. Com que prazer ella se deixaria calhar sobre o Sorriso de Outono e lhe rasgaria o rosto com as suas lindas unhas, manicuradas a primor! Detinha-a o verniz da civilização. Sorriu docemente,

innocentemente, ao enfrentar o casal idyllico, que se encheu de uma tardia vergonha.

— As senhoras pediram-me viesse lembrar ao maestro que prometteu tocar-lhes "Liebestraum" — disse Eva Aston.

— A sua ausencia é culpa da fascinação de Delphina, com certeza!

Mas nos seus olhos brilhavam clarões verdes de ciúme, clarões do fogo em que trazia o coração.

— Espera! Que idéa maravilhosa! — reflectiu, submersa ao seu ciúme — Ella é casada, tem um marido! — Não foi capaz de lhe acudir que Augustus Martinot tinha uma esposa. E' que para as mulheres, em qualquer escandalo, quem merece censura é sempre a mulher; o homem é sempre um pobre illudido.

— Excelente idéa! — disse de novo Eva, quando, horas depois, embrulhada num *negligé*, se viu sentada á escrevaninha do seu *boudoir*, de penna na mão, junto a um cesto de palha, quasi cheio de pedaços de papel de carta.

— E' nem mais nem menos do que ella merece! Além do que, calculo como o deve aborrecer aquelle modo com que ella se impõe á sua attenção! Lembra-me bem



O maestro e Sorriso de Outono.



O concerto — A visão do maestro.



A visão do maestro.

delle me dizer um dia que as lours eram bem mais sympathicas, mais sensíveis!

Não desejariamos forçar a reserva a que tem direito uma senhora; mas o respeito da verdade obriga-nos a dizer que Eva estava no seu banho na manhã seguinte, sem que lhe houvesse acudido, até então, pensar nas consequências da carta que mandara ao esposo de Delphina. De repente soltou tamanho grito que a criada appareceu correndo, receosa de que a agua estivesse quente demais. Da banheira Eva olhou para cima, tal uma sacerdotisa que se houvesse sentido, inesperadamente, sobre uma ortiga teimosa.

— Maria, você não botou no Correio aquella carta que eu lhe dei? — indagou, empunhando o sabão tragicamente.

— Botei, sim, minha senhora!

— A minha roupa! — ordenou allucinantemente convertendo em mar revoltoso as aguas da banheira. — Depressa, a toalha, os meus grampos! Com certeza, chego tarde demais! Vamos! o meu collete! Que loucura a minha pôr em risco uma vida tão preciosa! O meu *rouge*, os sapatos, mas depressa, depressa! Quem sabe se, a estas horas, o desgraçado já está esvaído em sangue! Depressa, depressa, as minhas luvas, estúpida!

Maria Martinot fazia correr tranquilamente o limpador pneumático sobre os tapetes da sala de musica, alegre com aquelle clamor que não irritava ninguém. Era uma mulher clara, um pouco forte, que não disfarçava os trinta annos, com uma bocca graciosa, e uns amplos olhos azues que scintillavam agora, á lembrança do seu esposo. De todas as mulheres que cultuavam no sacrário da gloriosa arte e da romantica cabellera de Augustus Martinot, sua esposa era a unica para quem elle era motivo de riso. Só ella conhecia o lado nebuloso do genio... os nervos bulicçosos, as disposições agitadas, a tempestuosa irritabilidade, o orgulho infantil daquelle homem que ella levava pela mão como uma criança, muito embora de vez em quando se lhe esgueirasse a attenção para o esvoaçar de uma saia faceira. — para a faixa de uns olhos provocadores e brilhantes. E ainda nessas occasiões ella

achava a força de sorrir complacentemente.

— Está ali uma senhora — gaguejou o copeiro japonês, á soleira da porta.

— Diga-lhe que seu amo não está em casa, que está dando um concerto não sei onde, — disse Maria, arrastando uma cadeira, comprazendo-se no barulho que fizera.

— Ella, porém, quer falar-lhe, senhora.

Maria deu um suspiro. Era uma maçada isto dellas á arrastarem para os seus casos amorosos, só pelo facto de Augustus ser seu marido. De mais a mais, não era ella que tinha de assignar todas as photographias do artista, acompanhá-las de dedichórias sentimentaes, e cortar innumeráveis caracões do marital cabello, para lembranças ás suas admiradoras? Com tudo isto, ainda era odiada de todo o coração por essas legiões de mulheres que murmuravam e gesticulavam á volta do santuario do maestro, de quem se apiedavam, ella bem o sabia, por vel-o amarrado a uma esposa tão grosseira, estúpida e vulgar.

— Sou eu madame Martinot... — disse, accentuando ligeiramente a particula matrimonial.

Não sabia como Augustus podia aturar estas lambisgoias, tolas como um pintinho sahido da casca. Aquelle, ia piar, dahi a pouco, com certeza, o habitual:

— "Seu marido é um homem extraordinario!" ou "Mal lhe posso dizer o que elle representa para mim!"

Mas, bem longe disso, Eva fixava-a com um olhar tragico:

— O mestre... sahio? — suspirou fundo, e concluiu: — Cheguei tarde demais... e matei-o!

Maria, intrigada embora, quiz ser cortez. Aquillo, sem duvida, era outra especie de adoração, que ella ainda não conhecia.

— Elle tem que tocar amanhã — explicou.

— Onde? — interrogou a visitante, agarrando-lhe o braço febrilmente. — A senhora não sabe onde elle está?

— Não, não creio que elle me dissesse aonde ia! — respondeu, após um segundo de reflexão. — Mas estará de volta segunda-feira... posso ser-lhe util de qualquer modo?

— Não! — gemeu Eva. — Elle não voltará nunca, nunca mais! E fui eu a culpada de tudo! Fui eu que escrevi ao marido della, e lhe contei que a esposa estava passando uma temporada com o maestro na vivenda da montanha! Foi um ataque de ciúme! Agora perdi-o para sempre, porque o outro com certeza o matará!

— Vamos acabar com todo esse palanfrorio de melodrama! — disse Maria, sensatamente. — Bem me pareceu extranho que Augustus insistisse em levar a sua gravata de seda vermelha. E' uma gravata que elle só usa quando se sente donjuanesco — explicou distrahidamente — e depois aquella meiguice quando me beijou!... Quando um marido está assim expansivo, é contar que elle tem alguma trama! Quem é a mulher, desta vez?

Eva escancarou os olhos meia pollegada: — Desta vez? Mas, então tem havido outras vezes? E a senhora não se importa?

Maria suspirou:

— Elle é levado, é certo. Mas como é que a gente se ha de zangar com elle? E' um pobre louco.

Pallida de horror, Eva recuou, como se escutasse um sacrilegio.

— Um louco... de talento, — corrigiu Maria. — Muitas vezes tenho me posto a pensar se o genio delle não estará, como o de Samsão, no seu cabello! E' um cabello cheio de talento, o que elle tem!

Mas Eva, incapaz de testemunhar por mais tempo a profanação do seu idolo, tinha desaparecido. Maria regressou á sala de musica, mas passara-lhe o enthusiasmo pelo limpador automatico. Pensava que Augustus tivesse, finalmente, vencido a sua inclinação por estas luas de mel furtivas, especialmente com mulheres casadas.

Por um momento assaltou-o o desejo de posar em victima, de representar a esposa offendida, e renunciar á missão de arrancar o marido aos seus absurdos embroglios. Mudar-se-ia então para algum jocundo e barulhento paraíso, e teria ali um canario que cantasse, um cachorro que ladrasse, uma victrola que executasse as cançonetas de Harry Lander e alguns numeros de "jazz". E nunca mais poria os olhos num desses perfumados enveloppes cor de violeta, nem teria que aturar Chopin ou Debussy! Mas qual! — reflectiu com um suspiro. Quem havia de lembrar, depois, a Augustus, as *tablettes* de que elle sempre se esquecia? Quem havia de lhe dar as meias de lã para calçar; quem lhe havia de pintar o cabello, de modo a esconder aquelles teimosos fios grisalhos que ameaçavam ser muitos?!

— O marido é bem capaz de fazer um barulhão, sem comprehender que tudo vem do temperamento artistico de Martinot? Sabe Deus até se, a estas horas, o pobre Augustus não foi já assassinado! — E evocou a scena, o marido feroz, um bruto de sete pés, violento, vingativo, brandindo um revólver por cima da cabeça, ao mesmo tempo que trovejava: "Miseravel!"

— Rogo-lhe me desculpar se sou importuno! — disse á entrada da porta uma voz ceremoniosa. — E' a senhora Martinot que estou falando? Pôde, por alguns momentos...

Era um homem muito baixo, com roupas vistosas e um cabello cor de pello de rato. Tinha uns olhos azues aguados, que se ajustavam facilmente por detraz de uns oculos tremendos.

— Estou muito occupada, — começou Maria; mas elle reteve-a pelo gesto de uma das suas mãos enluvadas.

— Sinto muito — disse a excusar-se — mas é importantissimo. Não vê que o seu marido fugiu com minha esposa, e eu lembrei-me de a vir consultar sobre o que será melhor fazer...

♦ ♦ ♦

Para um rapto amoroso, Augustus Martinot estava numa disposição de espirito por demais sombria. Duas horas de trem! numa cadeira forrada de pellicia, para elle que odiava as viagens de estrada de ferro, mesmo em carro Pullman! Além disso comera um almoço apressado, esquecera as *tablettes* digestivas, e ainda por cima, Delphina dera para falar! Bollinger não tinha recebido o seu telegramma, de maneira que, na pequena estação montanheza, não havia a recebel-o senão um "Ford", cujos gemidos angustiosos, na subida para a vivenda, não eram de molde a aplacar-lhe os nervos irritados.

Agora já não chamava á sua companheira "Sorriso de Outono" e até a tratava por um cerimonioso "vós". Mas Delphina, engolfada nos seus sentimentos, tal uma heroína de romance, não se apercebera da disposição de espirito em que se achava o artista. Encheu-se de uma turbacão, que a fez linda, ante a curiosidade dos Pollingers. insistiu em saborear o improvisado almoço que os encarregados da vivenda prepararam com o auxilio do ferro de abrir latas, e suggeriu um passeio pela floresta, após a refeição.

— Eu adoro a Natureza! E o senhor, maestro? — modulou em extase. — E' tão

(Termina no fim da revista)



Mas, Maria, que é isto?



Os dois casacos.

BEIJO — PEDE-SE E DÁ-SE

(Ann of Green Gables)

Film Realart — Produção de 1919

DISTRIBUIÇÃO

Anna Shirley. . . MARY MILES MINTER
 Marilla Cuthbert. . . Marcia Harris
 Mathew Cuthbert. . . FREDERICK BURTON
 Gilbert Blythe. . . Paul Kelly
 Diana Barry. . . Laurie Lovelle
 A Sra. Pie. . . Lila Romer
 Abdenago Pie. . . E. G. Chaillie
 Jumbo Pie. . . Lincoln Stedman
 Josie Pie. . . Beatrice Allen
 Anthon Pie. . . Russell Hewitt
 Robert Pie. . . Albert Hackett
 A Sra. Barry. . . Carolina Lee
 Rev. Figueira. . . Jack B. Hollis



— Mas, Santo Deus, Marilla, — exclamou a Sra. Pie abrigando o rosto com as abas do chapéu, e mergulhando os olhos pela estrada poeirenta — Não é um rapaz que Matheus traz ali: é uma rapariga!

Marilla Cuthbert, uma mulher delgada e bem cuidada nas roupas, com um avental immaculado que lhe descia aos joelhos, ajustou os olhos e ficou-se com interesse na direcção em que apontava o dedo da sua vizinha. A Sra. Pie e Josie, a sua linda e pretenciosa filha, tinham acudido justamente na hora em que Marilla se puzera à espera do irmão e do rapazinho que ella fôra adoptar ao desabrigado asylo de orphão da montanha. Toda a gente das herdades vizinhas era de unanime parecer que o acto de Marilla a punha em graves riscos, mas que de todo o modo o rapazito podia ajudar nos trabalhos do campo, e na occasião da colheita, sobretudo. A pequena figura que se bamboleava para cá e para lá, na velha carrinhola, ao lado de Matheus, decerto não tinha parecença do rapaz. E quando o carro se foi defrontando e Matheus parou por fim defronte da casa da herdade das cumieiras verdes, não mais poudo haver duvidas sobre a excessiva feminilidade do diminuto passageiro.

Matheus desceu do carro pesadamente e com os seus fortes braços, arriou a criança da boléa para o chão. Era uma menina de pequena estatura, picada de sardas, muito assustada na apparencia, com um bibe de chita mal tallado e um engraçado chapéu de palha ornamentado por uma penna muito tesa de uma cauda de pavão, — adorno que, sem duvida, ella mesma improvisara.

Alguma cousa, naquelles olhos alçados e tristes, tocava entretanto o coração de Marilla, que não deixara entretanto de dizer friamente a Matheus:

— Mas não me dirás, finalmente, quem é esta pequena? É o nosso rapaz, — que foi feito d'elle?

Matheus transferiu de um pé para o outro o peso do seu corpo, e declarou:

— Não tinha lá rapaz nenhum: só esta petiza.

Os olhos de aço de Marilla despediam chispas de fogo.

— Sim senhor, fizeste um bom negocio! — ia dizendo, mas sustou-lhe a censura iniciada o soluço da orphã que havia tido a audacia de pertencer ao sexo que elle não queria.

— Eu já contava com isto! Era bonita demais para poder durar! — disse cho-

rando — Eu já devia calcular que ninguém me havia de querer! Todo o caminho, pela estrada fôra, vim a sonhar que era uma fada, a regressar ao seu castello... Agora, porém, vejo bem que não haverá para mim castello, nem arvôres, nem porcos, mas tão somente o asylo de orphãos, outra vez!

Marilla fez um esforço para que não tomasse conta dos seus lábios finos o sorriso que lhe luzia nos olhos.

— Creio que teremos que te deixar aqui por algum tempo, até isto estar apurado! — disse com ar contrariado.

A esta inesperada noticia, a orphã não convidada lançou os bracinhos magros ao pescoço de Marilla, em cuja bocca applicou dois beijos bem estalados. Ora os lábios de Marilla estavam ainda pegajosos da compota que ella ha pouco havia provado, de maneira que a petiza lambou os beijos com deleite e accrescentou baixinho:

— Ameixas, não é verdade?

Marilla estava visivelmente emocionada, mas não obstante, esticou o braço e puxou a pequena para defronte de si, tal um prezo perante um juiz.

— Como te chamas, pequena?

A menina hesitou, mas depois disse de um impeto:

— Faça favor de me chamar Geraldina Cordelia Fitzgerald, — Sim?

— Chamar-te Geraldina Cordelia?! — exclamou Marilla. — Mas é assim que tu te chamas?

— Não, não é bem o meu nome, — explicou a orphã gravemente. — Mas tenho satisfação em imaginar que é. O meu nome verdadeiro não tem nada de romantico: eu chamo-me simplesmente Anna.

A estas palavras, a Sra. Pie que, ao lado de sua filha, acompanhara a scena com um sorriso de escarneo, interrompeu a conversação.

— "Anna" é um nome romantico demais para ti! — disse a rir ruidosamente — Com certeza, o Sr. Cuthbert não escolheu pela belleza, senão não te teria escolhido a ti. Santo Deus, onde é que já se viu ninguém com tantas sardas. E aquelle cabelo! Legitima cenoura!

O pequeno grupo voltou-se pasmado para ella e depois para Anna que a principio se fizera acariate, e depois pallida de indignação. Tomou o folego com uma aspiração ruidosa, cravou os seus imensos olhos azues no rosto acido da senhora Pie, e respondeu:

— Ferir os sentimentos alheios é acto proprio das pessoas grosseiras. A senhora ficava satisfeita se alguém a chamasse gorda e pesadona, ou lhe dissesse que não ha na sua cachimonia uma scotilha de imaginação?

Com bem fingido máo humor, Marilla pegou rispadamente da mão de Anna e levou-a ao pequeno quarto da agua furtada que tinha sido reservado para o rapaz, que não para ella. A expressão severa de Anna já porém se dissipara, quando ella ali chegou:

— Não devias ter dito o que dissesse, — admoestou tranquillamente. E logo depois, deixando que o sorriso se soltasse da sua linda prisão, — mas dissesse a Elmira Pie o que eu ando ha trinta annos para lhe dizer!...

Deixada a sós no pequeno quarto da agua furtada "para se arranjar", Anna

olhou em volta de si com olhos reluzentes. — Não é tão deslumbrante como uma camara de um castello, — disse na sua voz quasi natural — mas tambem não é uma masmorra humida e triste, como o asylo de orphãos. Depois, ha todas estas arvôres, lá fôra, e o rio! Sentar-me-ei junto á janella, e pôr-me-ei a contemplar o rio, tal e qual Lady Shalot, com um espelho, e tudo!...



Chegando á casa dos Cuthbert.



Vindo do Orphanato..



Em seu quartinho.



Marilla e Anna.

E assim foi que, à sombra daquelle te-lhado de cumieiras verdes, começou para a Anna do asylo de orphãs uma vida nova, uma vida triste por vezes, mas já-mais enfadonha, nem monotona. E' que Anna possuia o melhor dom feito por Deus à humanidade, — uma imaginação vivida, capaz de tornar num sonho brilhante esta nossa insipida vida de todos os dias.

Nesse dia de sol, sob a protecção das folhas da macieira florida, uma rapariguinha, vestida com um enorme bibe que a resguardava toda, entretinha-se a descascar hervilhas. Estava a imaginar que cada uma daquellas hervilhas era um caramello,



Nos braços do pai adoptivo.



Depois do desastre.



O bareo funerario.



Intimou-lhes a retirada.

e dahi lhe vinha um excessivo deleite, de repente interrompido por uma grande bola de borraça que, lançada através as arvores, ressaltou pesadamente sobre os carvões da sua cabeleira. O seu movimento, ao levantar-se de um pulo, espalhou as hervilhas em todas as direcções. Por sobre a sua cabeça fez-se então ouvir uma risada maligna, e a figura de um rapazito ardente, descalço, deixou-se escorregar pelo tronco abaixo, para logo disparar para longe, onde não o pudessem alcançar os dedos aggressivos da rapariga.

Foi então uma vertiginosa carreira do rapaz que transposta a cerca, foi parar ao gallinheiro, e logo para além da porta, encontrou os imensos montões de ferro que lhe offereciam protecção contra Anna, já proxima, no seu encalço. As pernas delle eram mais compridas, mas Anna havia aprendido a correr no orphanato, de modo que tinha melhor folego e ia ganhando terreno sobre o perseguido, a cada volta que davam os dois ás pilhas de feno. E acabava a menina, justamente, de o derrubar, e já os seus dois punhos applicavam ao garoto exausto o merecido castigo, quando Marilla deu volta á esquina, acompanhada por uma figura de rabona ecclesiastica, que discreateava com ella.

— Anna tem melhorado muito desde que está na nossa companhia — dizia para o pastor. — Se visse como ella nos ajuda nas lides da casa! E depois, meiga, obediente, tranquilla...

Nesse momento a oradora e o seu companheiro foram surpreendidos por um grito de victoria, lançado pela tranquilla Anna. Coberto de terra, os cabellos em desalinho, afogueada pelo triumpho, ella tinha dois joelhos assentes sobre os hombros do pequeno, e impunha-lhe agora pedir perdão, sem o que não o deixaria em paz.

— Que é isso, Anna? — fez Marilla. — Fazes o favor de acabar com isso?

De um salto os dois contendores puzeram-se em pé, limpavam-se da terra, sacudiram a roupa dilacerada na luta.

— Este senhor é o reverendo Figueira, — disse Marilla severamente, indicando a pessoa alta e corpulenta que vinha com ella — Eu vinha-lhe dizendo justamente como você é meiga e obediente. Vamos, ponha-se de pé e vá apertar a mão áquelle rapazinho como uma senhora bem educada. Esse menino é um vizinho e chama-se Gilberto.

E as duas desasseadas mãoszinhas que ha tão pouco despediam soccos desabridamente, uniram-se num aperto de mão um pouco envergonhado, semi-belligerante ainda. Mas Gilberto ao mesmo tempo que os seus olhos encontraram o olhar fugidio da sua pequena assaltante, formulou de si o juizo de que, afinal de contas o sexo adverso não era tão máo como o pintavam e que nos olhos alçados daquella minuscula representante desse sexo havia um não sei que lhe falava do coração.

— Bravo, bravo! — fez o reverendo approbativamente — E agora, como um novo penhor de paz, convidou-os, a ambos, para o "pic-nic" da escola de cathecismo, amanhã, na floresta.

Anna alvorouçou-se até o mais intimo do seu coração com essa perspectiva do seu primeiro "pic-nic". Mas um desastre succedeu de perto a essa perspectiva affagadora.

No dia anterior, Anna tinha arranjado uma "toilette" com a vistosa "écharpe" de cobrir o piano, um molho de pennas de pavão e o broche de topazio de Marilla, o que tudo, em conjunto, representava o vestido de baile da condessa Geraldina Cordelia Fitzgerald. Marilla apparecera po-

rem inesperadamente quando a garota puxa os ultimos toques na sua pomposa "toilette", e ordenara-lhe severamente que fosse para a cozinha e regressasse quanto antes ao seu prosaico bibe de chita. Mas na manhã do "pic-nic", quando Marilla fôra procurar o broche, não o encontrou.

Anna negava a pés juntos que o houvesse perdido, mas quando Marilla lhe exigiu com firmeza que confessasse tudo, sob pena de ficar presa no quarto todo o dia, declarou por entre muitas lagrimas, que tinha deixado cair da ponte o broche do topazio. Ainda mais enfurecida por tal negligencia, Marilla prohibiu-a então de ir ao "pic-nic" e fechou-a no seu quarto, fazendo ouvidos surdos aos apellidos e supplicas da pequena.

Os acontecimentos desse dia permaneceram na memoria de Anna, muito depois que de lá desapareceram outros de bem maior relevancia. Ainda hoje ella se ri ao recordar como galgou a janella, desceu pela latada, e se largou pela floresta, á procura do grupo do "pic-nic". Em caminho, parara para fazer festas a um animalzinho sympathico com parecencias de esquilo, mas muito menos arisco. Mais tarde, com grande surpresa sua, reparou que cada uma das pessoas que ella encontrava na estrada parecia evital-a, ou se afastava della mal os seus labios timidamente formulavam as necessarias indagações sobre o paradeiro da expedição da escola de cathecismo.

— Por minha vida — berrava um surdo ao ouvido de outro — andou um "skunk" (*) damnado, por aqui bem perto!

Anna ignorava o que fosse um "skunk", mas em breve se viu forçada a cerrar as narinas com um pegador de roupa — attitude de deferza em que alcançou, por fim, o grupo do "pic-nic". Ali, porém, também todos se puzeram a distancia á sua aproximação, de maneira que a pobre garotinha foi obrigada a comer o seu "lunch", sentada na relva, em tristonho isolamento, depois do que se encaminhou para casa, tal uma estatua de desolação, e se debulhou em lagrimas até se deixar adormecer na granja, sobre uma meda de feno.

Ahi a foi Matheus encontrar logo depois de Marilla ter descoberto o seu precioso broche debaixo do panno que cobria a escrevaninha. Levou-a então para casa, onde Marilla procedeu quanto antes á incineração das roupas que a pequena levava ao "pic-nic", dando-lhe por conforto um affectuoso "sabonete", um bom naco de pão e algumas colheres de doce.

— Mas, santo Deus, menina — dizia Marilla para que foi que me disseste que tinhas perdido o broche, se não tinhas?

— A senhora ordenou que eu confessasse! — explicou Anna somnolentemente. — E eu pensei de mim para mim que se fizesse uma confissão como a senhora queria, uma confissão definitiva, a senhora me deixaria ir. Pedi depois a Deus que me levasse até lá, fosse como fosse. Elle assim fez, mas francamente, não gostei muito do modo como Elle me fez a vontade...

E a pobre cabecinha somnolenta resvalou mais baixo sobre o peito de Marilla.

Estas e outras reminiscencias de mais tarde, dos seus dias de estudante, constituam as recordações de Anna, cada vez que ella evocava a casa das cumieiras verdes. Figurava também nesse numero a quasi-tragedia da barca funeraria que quasi por termo á carreira de Anna como tecelã de sonhos.

Ella andara a ler os "Idyllios do Rei".

(Continua no fim da revista)

O CONCERTO

(FIM)

primitivo tudo, tão elemental... tão natural! Eu propria sou uma filha da Natureza! — E piparoteava os cabellos tintos de um henne de preço, comprimindo as mãos sobre o setim Georgette do corpete.

Augustus nada respondia.

— Os meus nervos, os meus pobres nervos torturados! — tartamudeou a custo.

Passou a tarde sósinho, abraçado ao fogão de ferro fundido e perguntando a si mesmo, tristemente, se aquellas picadas no joelho seriam algum rebaste de rheumatismo, se era possível haver tabaco mais fedorento do que aquelle que fumava Pollinger.

Ao jantar, entretanto, pareceu renascer um pouco a sua galanteria.

Delphina, no seu vestuário inteiro, que lhe modelava as lindas formas, tornou a ser Sorriso do Outono, uma vez mais. Na sua adoração deleitosa, dissiparam-se todas as duvidas. Não, não era rheumatismo! Qual! Estava ainda moço demais para isso! Quem o poderia chamar de velho quando havia mulheres encantadoras e exigentes, como esta, que o amavam até as raízes da indiscreção!

— Agrado-lhe, mestre! — Delphina perguntou, a tremer — Agradar-lhe é a minha razão de existir! Tenho a impressão de que estou vivendo agora pela primeira vez.

— Tu me comprehendes, — declarou Augustus — e ha muito que tenho fome, que tenho sede de ser comprehendido! Tenho sido um pobre homem solitário toda a minha vida. Agora, pela tua bondade, pela tua encantadora bondade, arrancaste-me a minha solidão.

Foi nesta altura interessante que se ouviram passos no caminho do lado de fó-

branda. Os fugitivos entrecolharam-se surpresos, e Delphina, a que desafiava as convenções, fez-se tão pallida como era possível em taes circumstancias.

— Meu marido! — disse a tremer. — Conscertera elle não enguliu a historia da tia Emilia! Viu logo que a cabeceira de um doente, eu valho tanto como um gato velho!

— Seu marido? — repetiu, agitadamente, Augustus Martinot. — A senhora tem um marido? Santo Deus, mas é muito exquisito, muito!

Delphina mal teve tempo de alcançar o quarto de cama, antes de se abrir a porta, e não sahio no passo grave e digno de uma heroína de romance: sahio correndo. Mal alcançara o abrigo da porta, quando ouviu uma voz sua conhecida:

— Boa noite, sr. Martinot. Peço-lhe desculpa de o vir incommodar, mas eu sou o dr. Hort, marido da senhora que está aqui em visita á sua pessoa.

Depois quando, sempre de ouvido attento, já via o seu retrato nas paginas de frente dos jornaes, encimado por cabeçalhos offensivos, Delphina percebeu uma outra voz, misturada de risos, e que rasgou docemente o silencio do aposento.

— Está muito bem, Augustus, querido. Não precisas de modo algum desculpar-te! Fica tudo em familia, sem nenhuma precisão de escandalo — não é verdade, Jorge?

Depois, distinctamente, iniludivelmente, a explosão de um beijo, e logo um rugido de raiva:

— Mas, Maria? Que é isto? Como é que tu contes que outro homem...? Um de nós está doido? — Seria tu, ou serei eu?

— Ora, Augustus! — proseguia a esposa de Martinot, com ar de censura — Fran-

Para todos...

Porventura já significou Jorge a minima objecção, por tu lhe beijares a esposa? Além do que já combinámos tudo, e muito sensata, muito decentemente! Jorge e eu estamos noivos!

Nesta altura, Delphina considerou opportuno sair do quarto de cama. Uma coisa era devanear com uma linda cabeça *pompadour*, e outra era cruzar os braços, e ver outra mulher alapardar-se com o esposo trahido que, de accordo com todas as regras, devia a essa hora mostrar-se ou furioso ou abatido, mas nunca pimpão e jovial como um gallo!

— Augustus! — gritou Delphina, lançando-se nos braços, não por demais sollicitos do artista — Dize-lhes que me amas, que me amarás para sempre!

— Sim, amo-te... hoje! — apressou-se a corrigir o maestra. — Como é que queres que eu saiba quem amarei amanhã? É exigir muito de um homem!

Por sobre os braços de Delphina presos ao seu pescoço, olhava para sua esposa com a expressão de surpresa de quem, improvistamente, encontrou um degrão a mais na escada que ia descendo. Mais depressa elle acreditaria na fallibilidade da lei do pendulo do que na fallibilidade de Maria! E começou a sentir-se aggravado, maltratado...

— Não, não é desse modo que eu amo! — disse o doutor sentimentalmente, pegando na mão de Maria. — Bem verdade é que eu não sou um grande musico. Somos gente simples, primeira sem nenhum dos vícios do genio — não é verdade, Maria? — mas quero bem mais que, na nossa vulgaridade, havemos de ser tão felizes como elles.

A estas palavras, Augustus fez-se murchuzinho, e Maria, com o seu caracter irritantemente pratico, suggeriu a causa.

gemcos do quarto de dormir, o medico appropriou-se do divan, e Martinot o sensitivo, Martinot o animado, arranjou-se como melhor ponde com uma cadeira de balanço e um tamborete. Afinal de contas, uma situação bem differente do que ella havia planejado!

Delphina despertou sob a impressão de uma desillusão completa. Depois, mal lhe voltou a lembrança dos factos da vespéra, sentou-se apressadamente na cama. Era revoltante! Tinha assentado sacrificar tudo pelo amor, e eis-a ali, estava tão respeitavel como sempre fóra! Nem sequer se compromettera! Não conquistara o seu maestro e ainda perdera o marido!

As lagrimas subiram aos seus olhos aparvalhados, escoregaram-lhe tristemente pelas faces, aggravando a sua desdita. Tinha arruinado a sua vida e nem sequer se podia queixar com altivez: tinha que ficar para ali, a engulir os seus soluços em secco, como uma criança que apanhou uns petelecos! Ah, quanto ella pagaria para soltar um grito estridente, e cahir para trax num desmaio!

— A senhora está chorando? — interrompeu Maria seccamente — pelo senhor meu marido ou pelo seu?

Foi a picada do orgulho que lhe suggeriu a resposta:

— Então, a senhora acha-me capaz de chorar por um individuo que se priva de mim, como se privou Jorge Hart, e se resigna com aquella facilidade! — E concluiu com despeito: — O maestro é, porém, coisa diversa! A senhora nunca o comprehendeu, ao meu maestro! Eu comprehendendo-o, sei que elle necessita de mim, e serei, por todo o resto da vida a sua companheira, a sua inspiração! Quanto a Jorge, pode leval-o que eu não faço questão!

prima côr de rosa — murmurou Maria, com admiração. — Na qualidade de esposa de Augustus, deixe-me, porém, fazer-lhe algumas ponderações amistosas. Eu colheço Martinot, ha uns bons doze annos, e acho que só pode haver vantagem em quiz a senhora aproveite com a minha experiencia. Estas coisas precisam ser vistas com reflexão e calma. Antes de mais nada, a senhora terá que ter muito cuidado com os pobres nervos de Augustus.

Delphina acenou que sim, com enthusiasmo:

— Sim, affagar-lhe-ei a cabeça quando o vir cansado, cantar-lhe-ei...

Um movimento de horror, em Maria:

— Cantar, que loucura! Augustus não tolera nenhum barulho que não seja feito por elle! Se soubesse que luta é a minha para ter criados! E tudo por causa d'elle: este arrasta os pés, aquelle quebra muita louça, aquelle outro não sabe servir á mesa, sem bater com os pratos, — um inferno! Por isso, se quizer guardar o amor de Augustus e não perder o juizo, nunca consinta rumor algum em casa. Agora, a proposito de lhe affagar a cabeça, trouxe aqui a tintura para os cabellos d'elle. A senhora não sabe, e é melhor que eu lhe ensine como aquillo se põe.

— Tintura! Tintura para os cabellos! — Houve em Delphina um gesto de repugnancia, acompanhado por um protesto:

— Não, não é possível!

— Pois, não! Uma vez por semana, pelo menos — proseguir Maria inexoravelmente. — A cabelleira d'elle está ficando muito grisalha, o que seria um grande prejuizo para o seu negocio. As mulheres nunca se apaixonariam por um pianista grisalho! E por falar em mulheres, a senhora terá que responder diariamente entre vinte a trinta cartas de amor, que correspondem

a outras tantas photographias em que a senhora terá que lançar as dedicatorias competentes! Digo-lhe que dá muito trabalho, ser casada com um musico celebre! E agora, que mais? Ah, as *tablettes*, as *tablettes* para aquella tremenda indigestão que não o largo, coitado! A culpa tambem é d'elle: não pára de comer repolho e pé de porco — coisas que não se dão com elle!...

Delphina fez ouvir um gemido, baixinho, e um tremor dos seus hombros denunciou nella uma estranha emoção:

— Mas, Jorge... Jorge nunca...

E não poudo concluir.

— Jorge? Com Jorge, vae ser muito simples! Depois de casada com Augustus, casar com Jorge é uma sopinha de leite! E' só sentar-se á mesa ao pé d'elle, e está tudo acabado! Mas um artista, com os seus caprichos, as suas necessidades e as suas manias!...

— Olhe: sabe o que me parece que seu marido precisa? E' uma enfermeira! — Disse estas palavras numa explosão de raiva, e começou a enfiar a roupa com repellições de indignação:

— E a senhora pensa que me vae empurrar o seu Augustus, velho, doente, tingido, e levar-me o meu Jorge, em perfeito estado como elle está! Pois não leva! Agora mesmo vou procural-o para o levar comigo! Digo-lhe mais: agora, já não quero mais o seu marido, nem que a senhora m'o dê de presente! *Tablettes* para indigestão! Cartas amorosas! E ainda ha mulheres tão tolas que se largam atraz de um sujeito destes!

Raiou nos olhos de Maria um lume novo que a outra não viu. E foi melhor assim.

Depois que Delphina sahio do quarto ás carreiras e retomou o seu Jorge, e o levou triumphalmente consigo para a estação da estrada de ferro, Maria sentou-se...

— Não podes? Por que diabo é que não podes?!

— Não valem pragas, meu amigo! Não, posso, e é quanto basta!

— Peor praga terás que ouvir senão me disseres porque!...

— Porque sou apenas Pansy O'Donnell, *evidente* da Loja de Paris, em New York. Ora só nos romances é que as *vendentes* casam com millionários; na vida real, não!

— Agora é a minha vez de levantar as mãos ao alto, e entregar-me! Eu também não sou millionário, nem nunca disse que o era. O meu nome é Jack Livingston Smith, e tenho uma garage a cinco milhas de Fairview. A estas horas amanhã está à minha espera para te conhecer! Vamos até lá?

DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

Com Deus e com a mulher adorada como Deus, se não mais, a voz, a expressão, é um alhear-se a alma por onde não vá o que é sangue, o que bate no pulso e afogueia a cabeça. A mudez é respeito; as frivolidades são as bugiarias de que é capaz o espirito apagado da luz do coração que deixou de ser válvula de sangue. Momentos, horas, ou qual seja o nome que deves dar-se-lhes, iguais às de Ernesto Gassiot (visitando Flavia no convento de L'Abbaye-aux-Bois) não se contam pela pauta chronologica dos actos humanos. Ah! ha transições de salto aos atrios do paraíso, onde a contemplação do sempiterno é gozo sem fim. O amor divino preluza nos instantes arrobados do amor humano. Se são relâmpagos, é o sol eterno que perfurte e apaga-se. O coração viu, creu, e não quiz mais provas da sua immortalidade.

Entre amigos:

— Sabes que o Rocha anda por ali a dizer que eu não tenho talento... que sou um idiota!

— Não ha meio de occultar nada, neste mundo! Mas dou-te a minha palavra que não fui eu quem lh'o disse.

Muitas pessoas ignoram que no espaço de 2 horas os restos de comida, doces, etc., ficam nos interstícios dos dentes e começam a fermentar. Esta fermentação é que é a causa da carie dos dentes e do máo halito. Usando o dentifricio medicinal

ODORANS

evita-se esta acção prejudicial. Bastam algumas gotas num copo d'agua. Compre hoje mesmo um vidro, pelo preço modico de 2\$500. A venda em toda a parte e no deposito geral: Casa Hermann, Rio.

PARA TODOS...

Preço das assignaturas

Um anno..... 25\$000
Seis mezes..... 13\$000

Venda atulada:

No Rio..... 500 rs.
Nos Estados..... 600 rs.

OUVIDOR, 164 — RIO

CARTAS DE JOGAR — O jogo de cartas teve a sua origem na Alemanha, em 1300 e o primeiro que se conheceu foi o do *lansqueniet*, ou *lands-knecht*, que significa: soldado em descanso. Os quatro naipes symbolisam: *ouros*, a nobreza; *copas*, o clero; *páos*, os cultivadores; *espadas*, o militarismo.



Pó de Arroz

GLOSSY

Adherente e perfumado

Caixa grande: 2\$500 — Pelo
Correio: 3\$200

Caixa pequena: 1\$000 — Pelo
Correio: 1\$500

Caixa Postal: 163 — RIO

Envie importancia em vale postal, em dinheiro ou sello a

Carlos da Silva Araujo & C.

1º DE MARÇO, 13 — 1º andar — RIO

Para todos...

Moças Crianças

As moças anemicas, magras e nervosas, vivem sempre tristes e descontentes.

As crianças pallidas e rachiticas são o flagello dos paes.

Tudo isso remove-se com o uso durante um mez do **SANGUINOL**, prodigioso remedio que renova o sangue, tonifica os nervos, produz bem estar, dá cor, vida e saúde.

Nas drogarias **BARUEL & C.**, **S. SOARES & C.**, **J. RIBEIRO BRANCO & C.**, **SAUL KAJY & C.**, e nas boas pharmacies.

Deposito no Rio de Janeiro: **M. de Carvalho Junior**, Rua do Rosário, 167, 2º andar.

ELIXIR DE

INHAME



Depura

Fortalece

Engorda

**Loterias da Capital
Federal**

A REALIZAREM-SE EM MAIO

Chammar a attenção dos nossos Agentes para as Loterias de novos Planos

Em 3 de Junho 100:000:000 por 22\$000

Em 7 de Junho 50:000:000 por 3\$200

Em 10 de Junho 100:000:000 por 15\$400

No preço dos bilhetes já está incluído o sello. Agentes geracs na Capital Federal:

Nuzareth & C. — Rua do Ouvidor, 91. —

Caixa do Correio n. 817 — Endereço telegraphico.

Lusval. — Rio de Janeiro.

Dar a todos...

Stand Up and Fight Like H.

ONE STEP — GEO. M. COHAN

REPÉRTOIRIO DA ORCHESTRA PICKMANN

A orchestra Pickmann oferece os seus serviços artisticos para bailes, chás, danças, recepções, etc. Rua Tavares Bastos, 5 — Telap. Belts Mar 229

Piano

Tempo di Marcia

The musical score is written for piano and voice. It begins with a piano introduction in 2/4 time, marked 'Tempo di Marcia'. The piano part features a steady eighth-note accompaniment in the right hand and a more active bass line in the left hand. The voice part enters with a melody that is repeated several times. The score includes dynamic markings such as *mf* (mezzo-forte) and *p* (piano). The piece concludes with a *rit* (ritardando) marking. The key signature has one flat (B-flat), and the time signature is 2/4.

Chos

p-f

a tempo

Ilustração Brasileira --

a mais bella revista mensal illustrada, collaborada pelos melhores escriptores e artistas nacionaes. Preços de venda avulsa 2\$000, na Capital: 2\$500, nos Estados.

— *Dar a todos...* —

PARC ROYAL

NOVIDADES DE INVERNO

Artigos para nós fabricados e por
nós importados

Ultimas creações da Moda recentemente
chegadas da Europa

Preços marcados de sorte a fazerem de cada
freguez um amigo do


Parc Royal
A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL

ACABARAM-SE AS POMADAS, OS UNGUENTOS E OS CREMES

que são velhas formulas de carrancismo therapeutico e que irritam a pelle com a gordura rançosa que contêm.



sem gordura, liquido, não suja a pelle e nem as roupas, de uso facil, commodo e rapido, não obstruindo os póros da pelle e não impedindo a sua perfeita respiração, que é o unico meio de se conservar perfeita e evitar as rugas da velhice.

A LUGOLINA é o unico remedio Brasileiro adoptado na Europa, Norte-America, Argentina, Uruguay e Chile, com enorme successo.

Cura efficaxmente as molestias da pelle, feridas, dartros, eczemas, suor dos pés e dos sovacos, queda dos cabellos, etc. O seu uso constante conserva a pelle fresca e evita as rugas. Anti-parasitario e cicatrizante poderoso, evitando qualquer contagio nos dois sexos.

Vende-se em todas as drogarias, pharmacias e perfumarias.

Preço: 3\$000

Unicos depositarios: ARAUJO FREITAS & C.
Rua dos Ourives, 11 e S. Pedro, 20 — Rio
de Janeiro.



ARTHRITICOS

— E —

GOTTOSOS

UZA E

URAZINE

SAL EFFERVESCENTE
E COMPRIMIDOS

Cia. CHIMICA RHODIA BRASILEIRA
São Bernardo — (São Paulo)

RENY

Pote 4\$000

Pelo correio 5\$000

FORMULA USADA EM TODA A EUROPA

INFALLIVEL — *Unica que tira com absoluta garantia todas as sardas, pannos, manchas da pelle, rugas e cura espinhas*

DEPIL

Unico liquido que tira em 5 minutos o cabelo de qualquer parte do corpo, sem irritar a pelle. Preço: vidro pequeno 5\$000 e grande 10\$000; pelo correio 6\$500 e 12\$000.

PO' DE ARROZ RENY

O melhor, o mais barato, o mais fino, o mais perfumado e o mais adherente. Preço 2\$500. Pelo correio 3\$500.

LOÇÃO RENY

Elimina a caspa e evita a queda dos cabellos, tornando-os sedosos, abundantes e perfumados. Vidro 5\$500. Pelo correio 8\$000.

AGUA BALSAMICA RENY

Perfume do Oriente, para o banho

Algumas gottas bastam para perfumar o banho, substituindo com vantagem a agua de Colonia — Vidro grande 8\$000. Pequeno 5\$000. — Pelo correio 8\$ e 12\$000.

MAGALHÃES & LOBO — SENADOR FURTADO, 48



Penteie a senhora bem os seus cabellos (se é que os tem) dividindo-os de preferencia em duas partes, por meio de uma risca no centro da cabeça.

Uma vez feito isto, subdivida-os em pequenos cachos.

Deite a senhora n'um pratinho de porcelana uma quantidade moderada de **Tricofero de Barry**, e com uma pequena esponja bem embebida no liquido, banhe a senhora os seus cabellos desde a raiz até as pontas, tendo cuidado de friccionar suavemente com o mesmo liquido o casco da cabeça.

Pegue logo a senhora n'um leque e agite-o levemente, refrescando a parte cabelluda do craneo, e seccando ao mesmo tempo o pello humedecido.

Esta operação, repetida de manhã ao vestir-se e de noite no momento da sua toilette nocturna, será o remedio mais efficaç para eliminar a caspa, para conservar forte e jovem o seu cabelo, para impedir que caia para que brotem novas plantas capillares dos alveolos limpos e desembaraçados de materias gordurentas, para que todo o mundo admire o brilho e sedosidade de suas tranças e caracões, para que um doce e sympathico perfume se espalhe á volta de sua pessoa.

Ha mais de um seculo que isto que aqui dizemos se vem repetindo a proposito do famoso **Tricofero de Barry**, e todavia ainda se não disse o bastante, para fazer justiça seus meritos innumeraveis.

